

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**MATHEUS CATOSSO SCRIPTORE CONTREIRA**

**A ASCENSÃO CHINESA NO CENÁRIO  
INTERNACIONAL: DO PROCESSO HISTÓRICO AOS  
DIAS ATUAIS**

BAURU  
2015

**MATHEUS CATOSSO SCRIPTORE CONTREIRA**

**A ASCENSÃO CHINESA NO CENÁRIO  
INTERNACIONAL: DO PROCESSO HISTÓRICO AOS  
DIAS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Mariana de Freitas Montebugnoli.

BAURU  
2015

Contreira, Matheus Catosso Scriptore

C7643a

A ascensão chinesa no cenário internacional: do processo histórico aos dias atuais / Matheus Catosso Scriptore Contreira. -- 2015. 60f.

Orientadora: Profa. Ma. Mariana de F. Montebugnoli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Reformas políticas/econômicas. 2. China. 3. Crescimento econômico. 4. Ascensão pacífica. 5. Hegemonia internacional. I. Montebugnoli, Mariana de Freitas. II. Título.

# **MATHEUS CATOSSO SCRIPTORE CONTREIRA**

## **A ASCENSÃO CHINESA NO CENÁRIO INTERNACIONAL: DO PROCESSO HISTÓRICO AOS DIAS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Mariana de Freitas Montebugnoli.

Banca examinadora:

---

Profa. Ma. Mariana de Freitas Montebugnoli  
Universidade do Sagrado Coração

---

Profa. Ma Beatriz Sabia Ferreira Alves  
Universidade do Sagrado Coração

---

Profa. Ma. Roberta Cava  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 03 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho aos meus avós Joana Catosso e Tadahiko Ito, que sempre me apoiaram nos estudos e me deram esta oportunidade de concretizar e encerrar mais uma caminhada da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me proporcionou saúde, força e sabedoria para que este trabalho pudesse ser concluído, pois sem Ele, não somos nada.

Aos meus avós maternos, Joana Catosso e Tadaiko Ito que são os meus verdadeiros pais, as duas pessoas que mais admiro na vida, que me criaram da melhor maneira possível e que me proporcionam oportunidades para alcançar meus objetivos.

A minha irmã Indyara Catosso Scriptore Contreira que indiretamente, sempre esteve ao meu lado, torcendo por mim.

Ao meu cachorro Lucky, que nas horas mais difíceis sempre esteve ao meu lado, me agradando.

A minha professora, orientadora e amiga Mariana de Freitas Montebugnoli, pela dedicação, pelo apoio, pelos conselhos e incentivos, que admiro muito por sua sabedoria e conhecimento. Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação em especial, ao ex-coordenador Daniel Freire e Almeida, a atual coordenadora e professora Beatriz Sabia e a professora Roberta Cava.

Meus agradecimentos à Universidade do Sagrado Coração e aos seus funcionários, em especial a bibliotecária Giuka Sampaio, que sempre nos ajudou, com muita alegria e com um belo sorriso no rosto.

Há pessoas que entram em nossas vidas e permanecem para sempre. Por isso, agradeço muito as minhas verdadeiras companheiras e amigas que sempre me apoiaram, me deram forças em toda jornada e que fazem parte do meu cotidiano: Melina Jorge Latanzio, Raphaela Lilian Momesso e a Thaís Rosenhal Jorge Diniz.

Meus sinceros agradecimentos aos meus colegas de sala, em especial ao Kauê Vétère que se encontra junto ao Pai, torcendo por todos nós.

Agradeço ao meu companheiro e melhor amigo Fernando Ferreira do Carmo, por sempre estar ao meu lado, em todas as ocasiões. Obrigado por tudo!

Concentre-se nos pontos FORTES, reconheça as FRAQUEZAS, agarre as OPORTUNIDADES e proteja-se contra as AMEAÇAS. (Sun Tzu, 500 a.C).

## RESUMO

Nosso objetivo com esta monografia consiste em estudar de forma ordenada as reformas políticas e econômicas que foram adotadas a partir da segunda metade do século XX por Mao Tse Tung em seu governo autoritário, bem como apresentar o processo de ascensão da China como potência mundial a partir da reestruturação promovida por Deng Xiaoping, e a continuidade das reformas conduzida por seus sucessores, Jiang Zemin, Hu Jintao e Xi Jinping, este último atual presidente do país. Vale destacar que o rápido crescimento econômico da China nos últimos anos, tem suscitado questionamentos sobre o tipo de potência que o país almejará se tornar, se irá contestar a ordem internacional ou realizará uma ascensão de forma pacífica. Ao longo deste trabalho, realizamos uma comparação das perspectivas teóricas ocidentais sobre a ascensão chinesa, em contraposição, com a perspectiva teórica dominante nos meios acadêmicos chineses. Debruçamo-nos sobre a análise de uma possível disputa pela hegemonia internacional entre Estados Unidos e China, como também sobre os desafios internos postos à sociedade chinesa, que dificultam a busca pela hegemonia e a consolidação de seu status como grande potência do século XXI.

**Palavras-chave:** Reformas políticas e econômicas. China. Crescimento econômico. Ascensão pacífica. Hegemonia internacional.



## ABSTRACT

Our main objective of this thesis is to study in an orderly manner the political and economic reforms that have been adopted since the second half of the twentieth century by Mao Zedong with his authoritarian rule and to present the process of China's rise as a world power starting from the restructuring promoted by Deng Xiaoping, and the continuity of the reforms carried out by his successors, Jiang Zemin, Hu Jintao and Xi Jinping, the actual president. It is worth notable that China's rapid economic growth in recent years has raised questions about the type of power the country is aspiring to become, if it will challenge the international order or hold a rise peacefully. Throughout this research, we have conducted a comparison of Western theoretical perspectives on China's rise, in contrast with the dominant theoretical perspective in Chinese academics. This text looks upon the analysis of a possible dispute by the international supremacy between the US and China, as well as on internal post challenges to Chinese society, hampering the search for supremacy and the consolidation of its status as a great power in the twenty-first century.

**Keywords:** Political / economic reforms. China. Economic growth. Peaceful rise. International Supremacy.

## LISTA DE ABREVIações

<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
<b>PCC</b>	Partido Comunista Chinês
<b>ZEE</b>	Zonas Econômicas Especiais
<b>AIIB</b>	Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura
<b>FTAAP</b>	Área de Livre Comércio Ásia-Pacífico
<b>RPC</b>	República Popular da China
<b>FMI</b>	Fundo Monetário Internacional
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 A CHINA CONTEMPORÂNEA: UM PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO CHINÊS A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX</b> .....	12
2.1 ANOS 1949 A 1976- PARTIDO COMUNISTA CHINÊS .....	12
2.2 ANOS 1978 A 1992- DENG XIAOPING NO PODER .....	18
2.3 ANOS 1990 ATÉ HOJE.....	22
2.3.1 Jiang Zemin.....	23
<b>2.3.2 Hu Jintao</b> .....	25
<b>2.3.3 Xi Jinping no Poder</b> .....	26
<b>3 A ASCENSÃO CHINESA E AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO SÉCULO XXI</b> .....	28
3.1 A CORRENTE REALISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....	28
3.2 A CORRENTE LIBERAL DE ROBERT KEOHANE E JOSEPH NYE .....	32
3.4 UM BALANÇO DE PERSPECTIVAS: TEORIAS OCIDENTAIS VS TEORIAS ORIENTAIS .....	41
<b>4 A CHINA NO SISTEMA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI</b> .....	43
4.1 ASCENSÃO PACÍFICA .....	43
4.2 O DIÁLOGO ENTRE EUA E CHINA .....	48
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

Procuraremos tratar ao longo deste trabalho sobre a ascensão da China como potência mundial a partir das reformas econômicas adotadas por Deng Xiaoping, bem como a importância de continuidade do processo de reestruturação econômica pelos líderes posteriores.

O problema a ser analisado é a questão de como foi possível a China se tornar uma potência mundial, através de grandes reformas estruturais, políticas e econômicas promovidas por Deng Xiaoping, e da continuidade dada a essas por seus sucessores, que transformaram o país em uma verdadeira potência global, visando a sua ascensão no sistema internacional.

O tema escolhido tem como objetivo auxiliar na compreensão do contexto histórico chinês a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais, considerando esses os anos de maior relevância para o crescimento e ao desenvolvimento da China. Uma transformação tão acelerada e com sua rápida expansão, sobretudo na área do comércio internacional, torna-se indispensável o estudo dessa temática no contexto internacional contemporâneo.

Para a construção desse trabalho, foram utilizados como fontes livros, documentos eletrônicos, artigos científicos e artigos de jornais. O estudo foi realizado seguindo a ordem dos acontecimentos de desenvolvimento do processo histórico chinês, observando os acontecimentos atuais da China e de sua trajetória na inserção internacional, assim como suas vulnerabilidades.

A China possui um desenvolvimento e um crescimento extraordinário, abrangendo a maior população do mundo e sendo, atualmente um dos principais atores das relações internacionais, simplesmente por ser um país de grande importância política, econômica e cultural no âmbito internacional, não só na Ásia, mas mundialmente. A China possui uma capacidade de produção muito grande, tendo seus produtos espalhados por todo o mundo, e sendo um dos melhores parceiros econômicos no comércio internacional da atualidade e um ator de grande relevância no panorama econômico internacional.

Nesse sentido, pretendemos abordar algumas das questões que envolvem o crescimento acelerado desse país nas últimas décadas da seguinte forma: no

primeiro capítulo será abordado o processo de reforma que é necessário para a compreensão por parte do leitor de fatos essenciais da história da nação chinesa, como o mandato de Mao Tse-Tung e, posteriormente, de Deng Xiaoping. Foram necessários os insucessos de sua gestão – o “Grande Salto para Frente” e a “Revolução Cultural” e até mesmo a morte desse líder - para que fosse possível uma reforma na economia da República Popular da China. Serão analisadas as implicações do “Grande Salto para Frente”, como também as mudanças na sociedade a partir da “Revolução Cultural”, traçando uma longa história dos acontecimentos políticos na China do século XX, buscando explicar o processo de reforma de uma economia socialista que desde então, vem alcançando níveis altos de crescimento.

Deng Xiaoping foi o grande protagonista nas reformas econômicas e da abertura da China para o Exterior no final da década de 1970, buscando atrair investimentos estrangeiros através das Zonas Econômicas Especiais (ZEE), uma estratégia de desenvolvimento interno no país, que conduziu à enorme transformação da China.

Já no segundo capítulo será feita uma análise comparativa das perspectivas teóricas ocidentais, incluindo os principais apontamentos dos autores das correntes realista e liberal das Relações Internacionais com relação à ascensão da China. Logo em seguida, será apresentada de forma contraposta, as perspectivas orientais, dentre as quais destaca-se os principais teóricos do Partido Comunista Chinês e da Academia de Ciências e Sociais da China.

Por fim, no terceiro e último capítulo será feita uma análise da política externa chinesa e de sua estratégia caracterizada como "ascensão pacífica", expondo suas atuais divergências, principalmente, sua relação imparcial com seu vizinho Japão. Em segundo momento, faremos uma comparação entre Estados Unidos e China no contexto internacional, as duas maiores potências da atualidade, que hoje têm uma importância central não só para países, mas para o mundo, também discutindo a possibilidade de ambos os países entrarem em conflito em busca da hegemonia mundial.

Através do presente estudo, poderemos compreender o longo processo que conduziu a China a uma posição de destaque nos dias atuais no contexto econômico internacional, como também os desafios a ela impostos para que se mantenha como potência mundial.

## **2 A CHINA CONTEMPORÂNEA: UM PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO CHINÊS A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Nossa intenção através desse capítulo é mostrar as características estruturais da República Popular da China. A China situa-se a leste do continente asiático e a oeste do oceano pacífico. A China é o terceiro maior país do mundo, ficando atrás da Rússia e do Canadá, com uma superfície de 9.596.960 km<sup>2</sup> e contém a maior população do mundo, com aproximadamente 1.377.169.812. Sua capital é Pequim e os principais centros econômicos são Xangai, Tientsin, Cantão e duas cidades/Estados: Hong Kong e Macau e sua atual moeda é o Yuan (PACIEVITCH...2006).

Atualmente é a segunda maior economia do mundo, o país encontra-se dividido em três partes econômicas, que abordam os principais atores que levaram ao rápido desenvolvimento e crescimento econômico do país nas últimas décadas, o qual vem se destacando cada vez mais no cenário internacional. Seu crescimento constante, sem dúvidas, é uma das maiores transformações políticas e econômicas dos últimos anos nas Relações Internacionais.

A China passou os últimos 50 anos por um surto de progresso econômico. No período que antecedeu 1949, a economia chinesa estava baseada fortemente no setor agrícola e, ao longo desse período, a pobreza se alastrava tanto nas áreas urbanas, como nas rurais. Esse cenário começou a ser alterado a partir da instauração da República Popular da China, à medida que esforços foram empreendidos para a eliminação da pobreza e o enriquecimento do setor industrial do país.

### **2.1 ANOS 1949 A 1976- PARTIDO COMUNISTA CHINÊS**

Nessa primeira parte, dissertaremos sobre a crise imperial na China, e a ascensão do Partido Comunista de Mao Tse Tung, um líder comunista e revolucionário. Suas estratégias e políticas totalitárias que perduraram até a queda do seu governo, ocasionada por sua morte em 1976, ficaram conhecidas como *maoísmo*. Para a autora Hannah Arendt (1989), caracterizou-se o totalitarismo nos países que adotaram a ideologia comunista da Antiga União Soviética como uma

política unipartidária de massa, no qual o líder possui domínio total da sociedade em todas as áreas: acesso às informações, comportamento social, cultura, economia, política e entre outros elementos que envolvem a sociedade dentro do Estado. A conquista e o domínio em massa tornam-se imprescindíveis para a formação de um governo totalitário. Arendt descreve essa importância:

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. (ARENDR, 1989, p. 373).

Com a Revolução Chinesa, em 1949, a história do país sofreu fortes mudanças. Em um discurso feito durante a Proclamação da República, Mao Tse Tung afirmou que “o povo chinês se levantou, e que ninguém iria insultá-los novamente”.

Iniciou-se um regime político centralizado no poder do Partido Comunista Chinês, seguindo uma ideologia marxista-leninista da Antiga União Soviética. Desde então, a China começou seu longo processo de industrialização. Quando se analisa esse processo de industrialização, tem-se por base a Reorientação da Estratégia de Desenvolvimento de Deng Xiaoping, sem desconsiderar, contudo, que o legado deixado por Mao Tse Tung foi fundamental para garantir a acelerada modernização industrial vivenciada no período seguinte. Os primeiros anos foram um período criativo de reconstrução, crescimento e inovações, envolvendo dois períodos desastrosos e de grande conturbação, como o "Grande Salto para Frente" (1958 a 1960) e a "Revolução Cultural" (1966) até a morte de Mao Tse Tung em 1976 (FAIRBANK, 2007).

Por meio dos processos revolucionários, o Estado chinês criou as bases para a centralização do poder nas mãos do Partido Comunista, visando levar adiante uma estratégia de industrialização com forte controle estatal. Diante deste cenário, a população garantiu a união entre si em torno desse objetivo, que foi muito importante para a reforma agrária, garantindo a legitimidade à revolução de 1949. Essas foram as bases para o governo controlar e coordenar a sociedade, e conseqüentemente a economia, rumo à industrialização pesada, aspecto marcante da estratégia de desenvolvimento do período, que optou por seguir os moldes soviéticos na estatização da indústria existente, uma industrialização rápida e

homogênea no território chinês (FAIRBANK, 2007).

Em busca de seus objetivos, Mao Tse Tung<sup>1</sup> lançou um de seus planos quinquenais, "Grande Salto para Frente". Como o próprio nome sugere, pressupõe um salto nas etapas do processo de consolidação do modo de produção socialista na China, através da instalação de um parque industrial amplo e diversificado, fazendo com que deixasse de ser basicamente agrícola e se tornasse um país industrializado em um curto espaço de tempo. Mao era claro em dizer que o socialismo devia ser desenvolvido na China e a rota para tal fim era uma revolução democrática, o que permitiria a consolidação socialista e comunista, ao longo de um período de tempo. Mao Tsé-Tung afirmava que este não era um caminho simples, limpo, rápido ou sem luta e também considerava importante unir os camponeses, e educá-los sobre as falhas do capitalismo (GARZA, 1988).

As políticas adotadas por Mao Zedong desejava uma expansão econômica ousada e combinada com amplas reformas políticas. O objetivo central era aprofundar a coletivização das atividades agrícolas por meio da criação de comunas em todas as regiões, que seriam responsáveis pela implementação de tarefas definidas pelo governo central. Essas tarefas abarcavam desde a organização da produção e distribuição de produtos, até a construção de infraestruturas regionais e defesa territorial por meio de grandes comunidades. As comunidades eram compostas por 20.000 pessoas na zona rural, onde plantavam seus próprios alimentos e produziria o que precisassem, itens de necessidades básicas como sapatos, roupas e ferramentas para o trabalho pesado. Não havia pagamentos extras e licenças, pois as pessoas trabalhavam 12 horas por dia, sem recebimentos adicionais. Mao estimulava o seu povo com promessas, alegando que seriam três anos de sofrimentos e mil anos de felicidades (GARZA, 1988, p. 73).

A política de Mao consistia em fortalecer os camponeses como uma classe importante no país e ensiná-los quanto aos problemas do capitalismo e os países imperialistas. Fortalecendo a classe camponesa Mao conseguiria legitimidade e força para manter a revolução, por isso, a modernização agrícola era necessária à modernização da agricultura.

Mao declarou ao mundo que a meta da China era ultrapassar, em cinco anos,

---

<sup>1</sup> Mao Tse Tung conduziu o Exército conhecido como "Longa Marcha", impedindo o imperialismo durante a 2ª Guerra Mundial, principalmente contra ataques japoneses em território chinês. Mao Tse Tung tornou-se o maior líder comunista e, conseqüentemente em 1949 é eleito presidente do Partido Comunista da China.



a produção britânica de carvão e aço. O Plano Quinquenal de Mao se inspirava no modelo soviético. Milhares de pessoas migraram para os campos para ajudar nos plantios e nas colheitas. As metas exageradas não foram alcançadas no "Grande Salto para Frente". O governo então começou a "falsificar" os números sobre a produção agrícola para serem apresentados como recordes, pois internamente os resultados estavam o verdadeiro fracasso. Suas consequências logo mostraram os sinais de má administração e perda das colheitas. Pela primeira vez a fome atingia as zonas rurais e as cidades, levando a morte de milhares de pessoas. Conforme os anos, Mao se tornava uma pessoa mais inflexível e continuava com suas metas, mesma com resultados negativos. A maioria da população chinesa apoiava-o e confiavam em suas palavras de grandes mudanças, alegando que "A verdadeira rota que orienta o mundo é aquela da mudança radical" (GARZA, 1988, p. 74).

Diante deste cenário catastrófico, em que a situação econômica da China era grave e difícil de resolver, Mao teve que admitir sua falta de conhecimento na área econômica.

O fracasso deste Plano foi acompanhado ainda por conflitos políticos com a URSS, pois o governo soviético reduziu brutalmente toda sua assistência a China, suspendendo o auxílio tecnológico e financeiro, pois a política de Krushev na União Soviética visava à priorização da produção de bens de consumo e a desestabilização do governo anterior. Essa política fez com que a China e a URSS se distanciassem, pois, os chineses buscavam desenvolver a indústria de base e tinham como líder Mao Tse Tung. As relações sino-soviéticas foram rompidas quando o Partido Comunista Chinês acusara Krushev e seu governo de "revisionistas", pois não estavam seguindo corretamente a ideologia marxista original.

No mundo atual, estamos em presença de dois tipos de contradições de caráter oposto: primeiramente as contradições entre nós e nossos inimigos (entre o campo imperialista e o campo socialista, entre os imperialistas de um lado e todos os povos do mundo e todas as nações oprimidas do outro, entre a burguesia e o proletariado nos países imperialistas etc.). São as contradições fundamentais; repousam sobre o conflito de interesses de classes hostis. Em segundo lugar, as contradições no seio do povo entre uma parte da parte e outra, entre uma e outra parte dos camaradas do Partido Comunista, entre o Governo e o povo nos países socialistas, entre países socialistas, entre partidos comunistas etc. Não são contradições fundamentais. Provêm não do conflito fundamental entre interesses de classes, mas de contradições de opiniões justas e errôneas, ou ainda de contradições entre interesses que possuem um caráter secundário (COGGIOLA, 1985, p. 51.).

Com o conflito sino-soviético, Mao considerou a política de Krushev um abandono da linha revolucionária proletária e um prolongamento da tendência burguesa, também contribuiu para a oposição ao governo maoísta dentro do partido. De acordo com Slavoj Zizek (2008), Mao apresentava uma mudança de orientação sobre a URSS bem antes, em relação a Lênin e a Stalin no que se referia a classe operária e a camponesa. Depois da ruptura sino-soviética entre os dois países, a China caminhava sozinha, mas Mao ainda tinha a força de 600 milhões de chineses, entre homens e mulheres.

No período da década de 60, a China passava por uma grande fome, pois a produção agrícola estava muito desorganizada. Mao acabou sendo muito criticado, principalmente por Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, do mesmo Partido Comunista, que começaram a desafiar seu poder e sua influência. O objetivo de Liu Shaoqi, presidente de Estado e Deng Xiaoping, secretário geral do Partido, era remover o poder das mãos de Mao e deixá-lo apenas como uma figura simbólica do Partido Comunista Chinês. Ambos subestimaram a sabedoria de Mao, que logo após desconfiar das intenções dos mesmos, fez uma "limpeza" nos quadros políticos, econômicos, organizacional e ideológico da República Chinesa (GARZA, 1988).

Em 1966 a "Revolução Cultural", plano que fizera parte de sua política com a finalidade de eliminar a oposição ao maoísmo e de tornar a cultura chinesa revolucionária, trouxe uma grande reforma política e reeducando sua sociedade. Esse movimento tinha a intenção de afastar do domínio literário artístico os intelectuais influenciados pela ideologia burguesa. Mao produziu várias obras que serviram para nortear seu partido na liderança da China e deixou registrados seus passos em busca dos conceitos revolucionários. A obra mais conhecida de sua trajetória foi o "Livro Vermelho", uma coletânea de citações do líder, que foram usadas como um manual pela "Juventude da Revolução Cultural", sendo o segundo livro mais vendido da história. Este conhecido ícone do comunismo reúne a base doutrinária do maoísmo.

Em sua política, Mao decretou que as escolas e universidades fossem fechadas para virarem grandes reuniões comunitárias, pois o movimento de massa de Mao na Revolução Cultural era formado pelos jovens estudantes, diferentemente das massas populares do Plano do "Grande Salto para Frente". Os Guardas

Vermelhos<sup>2</sup>, com aproximadamente 14 milhões de membros, espalharam-se por todo território chinês, invadindo cidades a fim de eliminar qualquer oposição aos pensamentos comunistas de Mao, transformando a China numa verdadeira escola comunista. Destruir a oposição não era o único objetivo da Revolução Cultural. Além de pretender eliminar as diferenças entre trabalho manual e intelectual, os outros objetivos do movimento visavam os avanços nos domínios da industrialização rural, unindo campo e cidade, tornando-se mais sólida a participação das mulheres, operários e camponeses na sociedade. À medida que a campanha crescia, ficava mais assustadora, pois tudo que se relacionasse aos "costumes ocidentais" eram destruídos em praças públicas (GARZA, 1988).

Liu Shaoqi, que assumira a Presidência do Partido após Mao o ter reconhecido como seu sucessor em 1958 (seguindo as linhas adotadas pelo Partido Comunista de Mao), solicitou uma reunião de emergência propondo o fim dos Guardas Vermelhos e a exoneração de Mao, mas não conseguiu ter sucesso por poucos votos. A consequência de tentar barrar Mao, fez com que Lio Shaoqi ficasse preso em domicílio. As atitudes de Mao eram vistas como diabólicas pelo resto do Mundo, no entanto, o mesmo conseguiu atingir seus objetivos de eliminar seus adversários do partido, colocando pessoas de confiança em seus lugares. Diplomatas estrangeiros e embaixadas eram alvos dos Guardas Vermelhos e eram obrigados a se reverenciar diante a imagem de Mao. A rebelião era difícil de ser contida, pois os estudantes estavam tomando os governos das cidades locais. Sendo assim, Mao apelou para o Exército de Libertação, dando as ordens de prender todos que continuassem as "anarquias" e reabriu as escolas para que os estudantes voltassem às aulas ou voltassem a trabalhar nas comunas (GARZA, 1988).

Hoje o governo comunista se refere à Grande Revolução Cultural e Proletária como "dez anos perdidos". A principal preocupação de Mao era se livrar de rivais políticos e consolidar o seu poder na China, ao contrário do que ele passava para a sociedade, ao salvar a ideologia do proletariado. Com o fim da Revolução Cultural, resultou na dissolução do movimento Guardas Vermelhos, com a decisão que foi aprovada no IX Congresso do Partido Comunista em 1969. Hoje o governo chinês

---

<sup>2</sup> Os Guardas vermelhos das unidades paramilitares organizadas pelo PCC tinham como objetivo ajudar Mao Tsé-Tung a derrotar seus rivais na luta pelo comando do país, como também aumentar o número de pessoas empenhadas na Revolução Cultural Proletária Chinesa.

procura ignorar o aniversário da resolução, para não denegrir a imagem do "Grande Timoneiro", Mao Tsé-Tung.

Em nove de Setembro de 1976, Mao Tse Tung faleceu, deixando Hua Guofeng no Poder, seu fiel seguidor e chefe de segurança da cidade de Hunan. Porém, o seu sucessor foi preso e posto em julgamento junto com outros integrantes extremistas no Partido Comunista Chinês. Em 1978, Deng Xiaoping assume o Partido para as reformas pós-Mao (FAIRBANK, 2007, p.371).

Hua Guofeng o sucessor imediato de Mao, era membro da Gangue dos Quatro, que também incluía a terceira esposa de Mao, que se juntou a Yao Wenyuan, responsável pela propaganda oficial, e a dois homens fortes de Xangai, Zhang Chunqiao e Wang Hongwen, o grupo liberou a ofensiva contra a ala mais moderada do regime, liderada pelo primeiro-ministro Zhou Enlai. Essa facção defendia que o país voltasse para dentro, buscando purificar a política e a cultura chinesa de influências conhecidas como "revisionista", qualquer atitude fora do contexto da adoração religiosa de Mao Zedong eram suspeitas (KISSINGER, 2011).

Os integrantes da conhecida Gangue dos Quatro são julgados por praticarem todas as arbitrariedades cometidas durante a Revolução Cultural em 1980 e são condenados a morte, que foram transformadas em prisões perpétuas. Diante de muitos conflitos entre facções do Partido Comunista Chinês, Deng Xiaoping assume o Poder para dar início a grandes transformações ao país (KISSINGER, 2011).

## 2.2 ANOS 1978 A 1992- DENG XIAOPING NO PODER

Ao final de 1976, a República Popular da China iniciou uma nova etapa de sua história, que trouxe uma verdadeira transformação interna, o que alterou a imagem do país no cenário internacional. Deng Xiaoping, líder político da nação de 1978 a 1992, foi o grande responsável pelas reformas políticas e abertura econômica do país após o fracasso da Revolução Cultural e a saída de Hua Guofeng do poder, que havia seguido a linha ideológica maoísta (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

A partir das reformas políticas adotadas no período pós-Mao, marcadas pela sua inserção na economia mundial e abertura de sua economia ao capital estrangeiro, a China passou de um país fechado, politicamente instável e predominantemente rural para um país relativamente aberto, modernizante e

urbanizado (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Deng Xiaoping permaneceu como grande líder da China até morrer em fevereiro de 1997 (participando frequentemente do cenário e das tomadas de decisão). Além de ser o principal responsável pelas extraordinárias mudanças ocorridas no país, também dispunha de uma autoridade advinda de seu status como membro da geração revolucionária original, grupos da sociedade que buscavam fazer história em sua nação e de seus contatos dentro do Partido Comunista Chinês e das Forças Armadas.

Durante a sua vida acadêmica, Deng viajou a França com apenas 16 anos para trabalhar e, em seguida, foi para União Soviética. Em 1924 foi recrutado para o Partido Comunista Chinês (PCC), o qual seria Primeiro-Ministro a partir da fundação da República Popular da China. Durante a Revolução Cultural, sua família e membros do PCC foram perseguidos, fator que o levou a adotar medidas que reverteriam às políticas vigentes durante o maoísmo (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

A maioria do PCC apoiou a decisão de Deng em não seguir as políticas maoístas, principalmente por que a Revolução Cultural havia se mostrado ineficaz e destrutiva tanto para o país como para o próprio PCC. Além disso, vários membros não compartilhavam das visões utópicas de Mao de uma sociedade igualitária do modelo soviético de controle estatal da economia, do foco na indústria pesada e na coletivização da agricultura, dentre outros aspectos, que levaram a uma economia vacilante não apenas na China, mas em todos os Estados que adotara o Comunismo (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Foi em um discurso realizado na III sessão plenária do XI Congresso em dezembro de 1978 do PCC para a "desmaotização" da política, Deng apresentou o objetivo de realizar quatro grandes modernizações no Estado, as quais que acarretariam em uma mudança acentuada nas condições econômicas e sociais, transformando a China em uma nação socialista moderna e poderosa. Reformas econômicas foram aplicadas para atingir as "Quatro Modernizações" – agricultura, indústria, ciência e tecnologia e Defesa, do Estado Chinês.

A realização das "Quatro Modernizações" exige grande crescimento nas forças produtivas, que, por sua vez, exige diversas mudanças naqueles aspectos das relações de produção e da superestrutura que não estão em harmonia com o crescimento das forças produtivas, e exige mudanças em todos os métodos de gerenciamento, nas ações e nos pensamentos que

estão no caminho desse crescimento. A modernização socialista é, portanto, uma revolução ampla e profunda (SPENCE; JONHATAN D. 1990, p. 613).

Segundo Reis (1982), foi o sucessor de Mao, Hua Guofeng que proporcionou a volta dos princípios das quatro modernizações. Retirando a Gangue dos Quatro do poder e quase 1/3 dos quadros políticos do PCC, o apoio de uma linha pragmática ficou mais forte. Após as reformas dentro do próprio PCC, Deng passou a ter maior apoio partidário para as suas políticas em diante.

Deng acreditava que era necessário modernizar os setores industrial, agricultura, a defesa e a ciência e tecnologia, sendo decretado o fim da luta de classes, buscando proporcionar uma maior estabilidade política e social para a implementação das políticas de reformas das Quatro Modernizações. Segundo mencionado pelo próprio líder (1983, p. 26, tradução nossa):

A modernização que nos empenhamos em fomentar é uma modernização ao estilo chinês, e o socialismo que estamos construindo é um socialismo com peculiaridades chinesas. O que fazemos é proceder essencialmente à tona com a situação e com as condições existentes no nosso país e apoiarmos principalmente os nossos próprios esforços.

O “socialismo com características chinesas” adotadas por Xiaoping foi feito em paralelo à mudança da economia de mercado do PCC leninista, introduzindo a tecnologia, ciência e práticas econômicas ocidentais na esperança de manter o sistema político no cenário internacional (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

A influência ocidental na China como ideias, valores e pensamentos ao final da década de 1980, cresceu absurdamente na sociedade chinesa através de livros, filmes, propagandas, rádio e internet, atingindo uma proporção avassaladora, inclusive o interior do país. Diante da globalização, a diplomacia cultural é um instrumento importante para a aproximação dos povos, contribuindo para abrir mercados para a indústria cultural e para o estabelecimento de vínculos culturais e linguísticos, sendo também uma ferramenta para os diálogos políticos e econômicos, pois fomenta o entendimento mútuo e cria confiança, interesse e respeito entre as nações de todo o mundo (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Xiaoping iniciou o seu conjunto de reformas primeiramente pela agricultura, pois sabia que este setor apresentava características bastante peculiares, fazendo com que fossem necessárias medidas efetivas para gerar uma produção adequada

capaz de suprir a demanda da população, evitando o alastramento da fome como ocorrera no período na gestão de Mao. O "Salto Adiante" tornou a modernização da agricultura o seu carro chefe.

Houve um grande crescimento agrícola com as medidas de reforma agrária, o que acabou representando o fim das comunas e o retorno das lavouras familiares. Com o crescimento populacional nas zonas rurais resultantes dos programas, Xiaoping incentivou o desenvolvimento da indústria de bens e consumo, tirando o foco da indústria pesada e militar como era exercido antes. Desse modo, ocorreu o desenvolvimento da indústria e a venda de bens e consumo, mas baratos no mercado externo (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Seguindo o ramo do crescimento agrícola, houve a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEE), que consistiram em regiões especiais de atração de investimentos estrangeiros, escolhidas por terem flexibilidade sobre os empreendimentos econômicos e por que desviassem a rigidez do regime comunista chinês, que atingia todos os países socialistas e os afastava cada vez mais do desenvolvimento capitalista, em termos de produção de bens e geração de serviços, e o estabelecimento de *joint ventures*<sup>3</sup> estrangeiras no sudeste do país, sendo controladas pelo governo.

Em troca, as empresas de *joint ventures* traziam tecnologias e promoveriam exportações, através de incentivos fiscais e menos regulamentações. Diante deste cenário, várias empresas do continente Asiático se instalaram na costa sudeste da China, para desfrutarem dos custos de mão-de-obra mais baixos.

Para garantir o sucesso das ZEE, foram adotadas medidas de concessões a créditos, pouca exigência por parte dos bancos, parcerias com agentes externos que executariam a transferência de capital e mão-de-obra especializada, incentivos fiscais e independência regional que essas zonas adquiriram (GIFFONI, 2007).

Na década de 1990, as empresas estrangeiras espalharam-se por diversos lugares do território chinês, dando continuidade à flexibilidade sobre os empreendimentos econômicos, representando um importante instrumento para abertura do país. Xiaoping visitou as ZEE em 1992, destacando a importância das

---

<sup>3</sup> *Joint ventures* é a união de duas ou diversas empresas com o objetivo de realizar uma atividade econômica em comum, por um determinado período de tempo. Permite às partes envolvidas beneficiarem do know-how, conseguindo superar barreiras em um novo mercado; beneficiar de novas tecnologias; investigar e expandir atividades que tenham em comum; competir de forma mais eficiente e ampliar mercados visando à internacionalização, compartilhando a gestão, os riscos, os prejuízos e principalmente o lucro.

reformas econômicas e da abertura ao exterior, e analisou o grande crescimento do êxodo rural, com muitas pessoas se mudando do campo para a cidade.

Graças ao tamanho continental e à imensa população do país, essas políticas permitiram ao governo chinês combinar as vantagens da industrialização voltadas para a exportação, induzida em grande parte pelo investimento estrangeiro, com as vantagens de uma economia nacional centrada em si mesma e protegida informalmente pelo idioma, pelos costumes, pelas instituições e pelas redes, aos quais os estrangeiros só tinham acesso por intermediários locais (ARRIGHI, 2008, p. 362).

Ao final da década de 1980 e início de 1990, houve o desmantelamento da União Soviética e o fim da bipolaridade. Houve, contudo, resistência aos que defendiam os segmentos marxista-leninistas do PCC às políticas implementadas por Deng, ocorrendo greves e protestos, tendo com a manifestação mais conhecida a de Tiananmen. Para retomar as políticas implementadas, Xiaoping deu continuidade às diretrizes de reforma e abertura econômica, firmando seu compromisso em transformar a China em um país hegemônico e rico (ACIOLY; PINTO; CINTRA, 2011).

### 2.3 ANOS 1990 ATÉ HOJE

O comunismo da era Mao Tsé-Tung, exercia uma política econômica mais fechada, com o objetivo de fortalecer e enriquecer internamente. Seu sucessor Deng Xiaoping promoveu inúmeras reformas econômicas, cujo desdobramento depois de uma década foi à implantação de uma economia de mercado nos moldes capitalistas.

Hoje a China tem um volume de negócios gigantesco, um dos principais atores do comércio internacional, tendo uma elevada taxa de importação e exportação e um crescimento do Produto Interno Bruto acima da média mundial.

Após a morte de Deng Xiaoping líder chinês que acelerou o processo de modernização da China, sucessores de sua gestão deram continuidade e aperfeiçoamento às suas políticas de crescimento como veremos nos próximos tópicos.



### 2.3.1 Jiang Zemin

Jiang Zemin, da Terceira Geração dos líderes do partido Comunista Chinês, entrou para o PCC em 1946. Entre os cargos que ocupou, estão o de prefeito de Shanghai em 1985, e o de Secretário-Geral do PCC, substituindo Zhao Ziyang. Tornou-se presidente da República Popular da China de 1993 a 2003, e foi Presidente da Comissão Militar Central de 1989 a 2004, quando se aposentou e foi substituído por Hu Jintao em ambos os cargos.

A sucessão de Xiaoping originou dúvidas e questionamentos sobre os aspectos de como seriam as direções políticas, como o governo se estruturaria dentre outras coisas com a posse de Jiang Zemin ao poder. No ocidente, havia a crença que a China se desintegraria com a saída de Xiaoping, pois começara alguns conflitos em virtudes dos grandes centros em relação às províncias, pois a partir da abertura econômica, adquiriram mais autonomia no processo decisório. Em suma, as reformas de mercado haviam diminuído o domínio do governo central sobre as províncias. A implantação de eleições locais, fora uma tentativa de impor novamente a administração central sobre o controle das decisões (OVERHOLT, 1996).

Quando Jiang Zemin assumiu o poder, a China encontrava-se mais fortalecida internamente, o que permitiu repensar o papel que o país iria desempenhar na ordem internacional, deixando de ser um país voltado para dentro, visando o âmbito externo e melhor maneira de tirar proveito do processo de globalização, se intensificava cada dia. Ao longo da liderança de Zemin, com um novo impulso às reformas econômicas e a abertura ao comércio exterior, a economia chinesa apresentou grande desempenho e cresceu a taxas elevadas de 10,2% ao ano, mantendo-se entre as mais altas (OVERHOLT, 1996).

Após Xiaoping visitar as ZEE no Sul do país em 1992, ocorreu uma retomada da importância da economia de mercado, sendo convocado a XIV Congresso do PCC. A introdução de um novo rumo de reformas começou a ser pensada a partir da insatisfação e temor com as reformas radicais e desiguais dali em diante. Sendo assim, passou-se a pensar em modelo de reforma que conseguisse não apenas desenvolver a economia do país, mas também que pudesse preservar as características socialistas chinesas e não havendo divergências e irregularidades políticas e econômicas recorrentes ao sistema capitalista (FEWSMITH, 2008, P.165-166).

Diante do desenvolvimento econômico chinês, as autoridades começaram a perceber que a China se tornara uma preocupação por parte de seus vizinhos e outros atores que atuavam na Ásia, portanto, era prioritário adequar sua política regional e sobre seus objetivos pacíficos de seu desenvolvimento. Uma nova estratégia de política externa adotou um novo conceito de “ascensão pacífica”, que tinha como principal objetivo, demonstrar que o crescimento chinês não iria representar um perigo para os outros países. Segundo Zheng Bijian (2003 apud AMARAL, 2012, p. 83):

O fato fundamental é que nos últimos 25 anos, desde a sua reforma e abertura, a China tem delineado uma nova trajetória estratégica que não só atende às suas condições internacionais, mas também está de acordo com a maré do tempo. Este novo caminho permite a ascensão pacífica da China através de uma construção independente do socialismo com características chinesas ao participar, ao invés de isolar-se, da globalização econômica. [...] temos enfrentado muitos testes. O povo chinês, no entanto, nunca titubeou em sua determinação de abraçar o novo caminho para a ascensão pacífica. Na China de hoje, portanto, a reforma, liberalização e desenvolvimento pacífico estão profundamente enraizados no modo de vida e na cultura, que por sua vez, criaram um ambiente seguro para o caminho estratégico da China para a ascensão pacífica. [...] de um modo geral, nas duas ou três décadas que estão por vir, ou no começo do século XXI, a Ásia irá enfrentar uma oportunidade rara na história para a ascensão pacífica, e a ascensão pacífica da China será uma parte da ascensão pacífica da Ásia

Dentro da “ascensão pacífica”, está a política da boa vizinhança que tem como objetivo a resolução de conflitos fronteiriços, sendo que China faz fronteira com quatorze países, como também fronteiras marítimas estão os vizinhos importantes como a Coreia do Sul, Filipinas e o Japão.

Em 1996, durante o governo de Jiang Zemin, foi celebrado o Acordo de cunho militar referente às regiões de fronteira dos países da Ásia Central assinado entre China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão. Acordo que faz parte da estratégia chinesa de negociar compromissos acerca de suas fronteiras, mesmo sendo muitas vezes, desfavorável para o interesse de sua própria nação. (KANG, 2007, P.89).

Em suma, Jiang Zemin herdou uma China que trilhava para o caminho do desenvolvimento no âmbito interno, e principalmente, no cenário externo, entregando ao seu sucessor uma potência mundial. Durante o seu governo, Zemin adotou medidas favoráveis para a continuidade ao crescimento econômico, levando o país a atingir taxas elevadíssimas de desenvolvimento, possibilitando o rápido

ingresso de empresas multinacionais estrangeiras, o qual acelerou o processo de internacionalização do país e trouxe maior estabilidade econômica, protagonizando a ascensão pacífica e deixando um legado à altura de Deng Xiaoping.

### **2.3.2 Hu Jintao**

Hu Jintao da Quarta Geração de líderes do PCC. Ficou conhecido principalmente por seus trabalhos como Secretário Geral do Partido. Em 2003, passou a ser Presidente da China e em 2004, Presidente da Comissão Militar Central. A partir desse momento, Hu Jintao adquiriu total poder e se tornou o centro da liderança do país (RAMPINI, 2006).

O sucessor de Zemin tivera que lher dar com diversas questões remanescentes da era Jiang, como as crescentes desigualdades sociais e regionais, o agravamento das condições ambientais, dentre outros. Por outro lado, acontecera a ascensão ao “posto” de potência global, com condições de ser a única potência capaz de rivalizar com os Estados Unidos da América.

Hu Jintao priorizou o desenvolvimento do interior do país e o avanço de melhorias nas condições dos agricultores, de modo a reduzir as desigualdades entre as áreas rurais e urbanas. Além disso, fomentou a educação nas zonas rurais e promoveu subsídios aos agricultores (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006).

No âmbito político, Jintao não tomou o caminho das reformas políticas e ressaltou a necessidade de fortalecer a capacidade do PCC de governar e enrijecer a disciplina do Partido de modo a acabar com a corrupção.

A expansão econômica chinesa e sua abertura ao mundo têm tornado cada vez mais difícil o controle sobre as informações e fluxo de dados que as novas tecnologias e meios de comunicação proporcionam. No século XXI, ficou evidente que a China conseguiu se tornar um país rico e poderoso no cenário global, retomando uma posição econômica dominante que já havia mantido no passado (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006).

Diante dos desafios, Hu Jintao lançou o slogan de “sociedade harmoniosa”, que iria guiar as ações governamentais no âmbito doméstico, e “mundo harmonioso” no plano internacional. A China precisava de um contorno regional e internacional pacífico, harmonioso para poder progredir em seu crescimento econômico.

Em abril de 2005 o presidente Hu Jintao dirigiu-se aos membros da Cúpula

Ásia-África e propôs que os países dos dois continentes promovessem uma relação amigável com diálogos baseados na igualdade, em um desenvolvimento comum e prosperidade das diferentes nações, visando colocar em prática o conceito “mundo harmonioso”. No mesmo ano, esse conceito foi incluído na Declaração Conjunta da China e da Rússia sobre a Ordem Mundial no século XXI, mostrando um consentimento de ambos em relação ao novo conceito chinês (YUANG, 2007).

As reformas econômicas e a abertura ao Comércio Exterior iniciada por Deng Xiaoping possibilitaram que a China se tornasse um grande “Player” no panorama econômico internacional.

### **2.3.3 Xi Jinping no Poder**

Xi Jinping é atualmente o principal membro do Secretariado do partido Comunista Chinês. Jinping é conhecido por suas posturas liberais, duro com relação à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, sendo destacado líder emergente da Quinta Geração de líderes da República Popular da China, assumindo o cargo de Presidente em 14 de março de 2013.

Segundo Wang (2004), a ascensão de Xi Jinping tem conduzido a China a uma diplomacia alternativa, mais sofisticada e progressiva, pois em vez de desafiar diretamente as instituições internacionais existentes, os chineses estão tentando criar novas formas que propiciem o exercício de sua influência.

Jinping inaugurou uma nova política externa, na medida em que apresentou uma forma mais arrojada de institucionalização de ações em política externa por meio da articulação de iniciativas como o Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura (AIIB) e da criação da Área de Livre Comércio da Ásia-Pacífico (FTAAP). Essas iniciativas ainda estão em construção, mas é possível perceber mudanças no posicionamento perante o sistema internacional. De acordo com Wang (2004), há uma clara mudança de uma postura reativa para uma prática proativa com a criação de novos regimes regionais que tem implicações diretas com relação à segurança e economia.

O governo de Xi Jinping consolidou uma nova inserção internacional chinesa, além de assegurar os fatores básicos necessários ao desenvolvimento econômico, consolidar as relações econômicas regionais e promover relações amistosas na região.

Podemos analisar que a política da China está trilhando conforme o modelo modernizador que Deng Xiaoping criou em seu mandato. Seus sucessores consequentemente estão dando continuidade à sua política, aperfeiçoando e se adequando conforme o tempo. No próximo capítulo, analisaremos as teorias ocidentais e orientais, ambos são distintos, porém com um foco central, a ascensão da China.

### **3 A ASCENSÃO CHINESA E AS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO SÉCULO XXI**

O debate sobre as causas e consequências do processo de ascensão e queda das grandes potências têm se tornado há muito tempo presente na literatura de Relações Internacionais (ARRIGHI, 1996). Muitos especialistas afirmam que a China pode estar em meio ao que pode ser uma longa trajetória de ascensão que levará ao status de potência global, enquanto outros afirmam que a China já é uma grande potência, e a questão é descobrir quão poderosa ela será (KHANNA, 2008). Nesse sentido, a ascensão chinesa torna-se um dos temas de discussão mais importantes e recorrentes entre teóricos da política internacional contemporânea.

#### **3.1 A CORRENTE REALISTA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

De forma geral, as teorias realistas partem da percepção de que o sistema internacional é formado por Estados com interesses próprios que objetivam a busca pelo poder. O realismo sugere que o sistema internacional é governado pela anarquia, ou seja, não há nenhum poder superior que governa as relações entre Estados. Neste sentido, os Estados usam tudo o que dispõem para defender suas agendas e ganhar poder, causando frequentemente tensões e conflitos com outros atores do sistema. A teoria realista é comumente dividida em três vertentes principais, quais sejam: realismo clássico, realismo estrutural defensivo (sendo conhecido também como neorealismo) e o realismo estrutural ofensivo, porém serão abordados o neorealismo e o realismo ofensivo, que descreve melhor o realismo no cenário internacional.

A política internacional descrita por John Mearsheimer (2001), sobretudo em sua obra *The Tragedy of Great Power Politics*, considerada central para o entendimento do Realismo Ofensivo nas Relações, como potências em ascensão tendem a comportar-se no Sistema Internacional e como outros atores desse sistema tendem a reagir. O argumento central dessa vertente do Realismo é que as grandes potências e as potências em ascensão tentam estabelecer hegemonia em sua região, ao mesmo tempo em que tentam evitar que outros atores do sistema exerçam sua hegemonia na sua respectiva região. A estrutura básica do sistema internacional forçaria os Estados a prezar pela sobrevivência e a competir por poder

relativo considerando os demais atores do sistema. O objetivo final de cada Estado seria aumentar o seu poder mundial e, futuramente, dominar o sistema.

Segundo Mearsheimer (2006), o sistema internacional teria três características definidoras. Em primeiro lugar, os atores do sistema internacional são Estados que funcionam em contexto de anarquia, o que significa que não há autoridade maior do que eles. Em segundo lugar, todas as grandes potências possuem capacidades militares, que proporcionam os meios para a adoção de iniciativas ofensivas contra outros atores no sistema. E por último, nenhum Estado tem o conhecimento pleno das intenções de outros Estados e tampouco o poder de prever suas ações futuras. Nestas condições, os atores do sistema internacional entendem que a melhor maneira de sobreviver é através da acumulação de poder relativo em relação aos demais Estados, ou seja, quanto mais poderoso um Estado é, menores são as chances de ele sofrer um ataque que eventualmente ameaçará a sua sobrevivência.

Além disso, para o autor, as grandes potências não ambicionam somente ser o Estado mais forte e poderoso no sistema, mas ser hegemônico, isto é, a única grande potência do sistema. Se a China continuar nesta caminhada de altos índices de crescimento econômico durante as próximas décadas, os Estados Unidos e a China se envolverão em uma competição com altas chances de guerra e, neste caso, a maioria dos vizinhos incluindo Índia, Japão, Singapura, Coreia do Sul, Rússia e Vietnã irão aliar-se aos Estados Unidos para contê-la (MEARSHEIMER, 2006).

De acordo com o realismo, sabendo que por ser muito arriscada, a hegemonia global é praticamente impossível. Quando uma potência atinge o status de hegemonia regional, seu principal interesse passa a ser impedir o surgimento de hegemonia em outras regiões. Isso fica claro quando Mearsheimer (2013, p.83, tradução nossa) afirma que os Estados que alcançam a hegemonia regional têm um desejo maior: "eles buscam prevenir outras grandes potências em outras regiões geográficas de duplicarem seus tamanhos. Hegemonias regionais, em outras palavras, não querem competidores". Sendo assim, para essa vertente a hipótese mais ameaçadora para os Estados Unidos, no horizonte mais próximo, é a possível ascensão da China no nordeste da Ásia, tornando difícil ou impossível que uma balança de poder regional pudesse efetivamente contê-la.

Os Estados Unidos são, desde o final do século XIX, a potência hegemônica

do Ocidente. Mearsheimer (2006) aponta que, embora os Estados Unidos sejam o ator que detém mais poder no sistema, eles não constituem uma hegemonia global, pois durante o século XX houve quatro grandes potências que tiveram a capacidade de ameaçar a hegemonia regional estadunidense, a saber, Alemanha Imperial (1900-1918), o Império Japonês (1931-1945), a Alemanha Nazista (1933-1945) e a União Soviética durante a Guerra fria (1945-1989). Em todas as ameaças, os Estados Unidos tiveram a mesma estratégia de derrotar e dismantelar as potências aspirantes à hegemonia. A perspectiva de Mearsheimer (2006) preconiza que os Estados Unidos tendem a agir, perante a ascensão chinesa e à sua ameaça inerente a hegemonia norte-americana, da mesma maneira que agiu perante outras potências aspirantes a hegemonia no passado, ao tentar derrotá-las e dismantelar seu poder de maneira a manter a prevalência de seu status hegemônico.

Mearsheimer (2006) sugere que a tendência da China é dominar a Ásia, da mesma maneira que os Estados Unidos tentaram dominar o Ocidente. A China buscará maximizar o poder aliando-se aos países vizinhos, especialmente com o Japão e com a Rússia, de maneira a tornar-se tão poderosa que nenhum Estado na Ásia tenha meios para ameaçar a sua sobrevivência. Uma China cada vez mais poderosa tende a dissuadir a influência norte-americana na Ásia, da mesma maneira que os Estados Unidos dissuadiram a presença das potências europeias no Ocidente quando da sua ascensão. Acerca disso, Mearsheimer argumenta:

Por que devemos esperar que a China agisse de maneira diferente dos Estados Unidos? Pequim tem mais princípios que Washington? É mais ético? Menos nacionalista? Menos preocupado com sua sobrevivência? A China não é nada disso, é claro, portanto, ela tende a imitar os Estados Unidos e galgar tonar-se uma hegemonia regional (MEARSHEIMER, 2006, p. 162, tradução nossa).

Assim, Mearsheimer (2006) sugere que Washington faria o possível para dificultar a ascensão chinesa e enfraquecê-la, de maneira a evitar as investidas hegemônicas chinesas na região. Além dos Estados Unidos, outros países como a Índia, Japão, Rússia, Cingapura, Coreia do Sul e Vietnã também estariam preocupados com a ascensão chinesa e também buscariam contê-la. Esses países tenderiam a juntar-se aos EUA em uma coalizão para conter a ascensão chinesa. Um fator de complicação, apontado por Mearsheimer, é a questão de Taiwan, que tende a atizar a competição entre Pequim e Washington e poderá constituir-se o



estopim de um eventual evento, sendo que a consequência seria uma grande disputa entre os Estados Unidos e o aspirante a hegemonia regional, nomeadamente a China, no processo de definição da configuração do sistema internacional das próximas décadas, dentro do que Mearsheimer chama de "*A tragédia da política das grandes potências*".

Kenneth Waltz (1979) possui uma teoria semelhante à de Mearsheimer. Segundo o autor, há duas maneiras em que os Estados podem balancear seu poder: o balanceamento interno e o balanceamento externo. O balanceamento interno ocorre quando atores hegemônicos ganham poder econômico ou militar alterando as capacidades de poder relativo internas a balança de poder; já o balanceamento externo ocorre quando atores terceiros formam alianças de maneira a modificar a configuração securitária internacional.

Waltz (1979) considera que há três possibilidades de configuração do sistema internacional, definidas conforme o número de grandes potências que compõe o sistema unipolar, ou seja, este pode ser bipolar ou multipolar. O autor diz que o sistema bipolar é mais estável, pois há menores chances de conflitos e mudanças sistêmicas, sendo que o balanceamento só pode ocorrer via balanceamento interno já que há outras potências no cenário internacional para formar alianças. No sistema multilateral, pode ocorrer balanceamento externo sendo que os Estados podem formar alianças uns com os outros, o que acarreta em maiores possibilidades de conflitos entre as grandes potências, já o sistema unipolar a exemplo do que ocorreu com os EUA no pós-Guerra Fria, seria um período transitório para um período bipolar ou multipolar, em outras palavras, vigorava até a emergência de novas potências que balanceariam o poder norte-americano.

Dessa forma, Waltz (1979) relata que o objetivo central dos Estados no sistema internacional é a sobrevivência através da balança de poder, enquanto que Mearsheimer (2001) diz que o objetivo central é buscar a maximização de seu poder relativo.

Ambos os autores concordam que a estrutura anárquica do sistema internacional força os Estados a buscarem satisfazer essencialmente seus interesses. Porém, para Mearsheimer, a única maneira de um Estado atingir segurança é maximizando seu poder, enquanto que para Waltz argumenta que os Estados buscam constituir uma balança de poder, sendo que para o mesmo o sistema bipolar é o mais estável. Para a perspectiva teórica de Waltz (1979) os

resultados esperados da ascensão chinesa, não tem o mesmo contexto trágico defendido por Mearsheimer (2001). Para Waltz, a ascensão chinesa pode ser acompanhada de instabilidades e conflitos, mas em seguida, uma balança de poder relativamente estável na qual a China provavelmente dividirá com os Estados Unidos as responsabilidades de potência hegemônica.

### 3.2 A CORRENTE LIBERAL DE ROBERT KEOHANE E JOSEPH NYE

Em 1977, os autores Robert Keohane e Joseph Nye desenvolveram a teoria da interdependência e a teoria neoliberal das Relações Internacionais em seu livro *Power and Interdependence*, argumentando que o aumento da integração e da interdependência econômica e institucional no cenário internacional proporcionam ganhos absolutos ao aumentar as possibilidades de cooperação entre os Estados e diminuir as tendências de conflitos. Para os autores liberais, as preferências dos Estados são os principais determinantes do seu comportamento, ao invés das capacidades, como defendem os teóricos realistas. Para a teoria liberal, além dos Estados, o sistema internacional pode ter outros atores, como as organizações internacionais, as empresas e até mesmo indivíduos. Entretanto, a perspectiva liberal sugere a integração da China na economia global e sua participação cada vez mais ativa em organizações internacionais traz ganhos absolutos, reduzindo as ameaças de uma China beligerante e aumentando as possibilidades de uma ascensão pacífica. Da mesma forma, enquanto a China aumenta sua integração no comércio internacional, as forças econômicas e sociais irão exercer uma pressão relativamente forte para ocorrer mudanças políticas, sendo que os sistemas organizacionais do país também irão mudar, tendo uma tendência para a democracia e liberalismo com características cada vez mais ocidentais (IKENBERRY, 2011; NYE, 2011; KISSINGER, 2011).

Segundo Ikenberry (2011), a riqueza e poder estão se movendo do Norte para o Sul e do Oeste para o Leste, sendo que a antiga ordem dominada pelos Estados Unidos e Europa está dando lugar para uma nova ordem em que o poder é compartilhado não só entre Estados ocidentais, mas também com a China que anda ganhando destaque nos últimos anos.

A China e outras nações emergentes não buscam contestar as regras e

princípios básicos do sistema, ao contrário, eles buscam através delas ganhar mais autoridade e liderança, conforme mencionado por Ikenberry (2011, p.2, tradução nossa):

De fato, a atual transição de poder não representa a superação da ordem liberal, mas a sua ascensão. Brasil, China e Índia estão tornando-se mais prósperos e capazes de operar na ordem internacional existente. Seu sucesso econômico e crescente influência estão relacionados com a ordem liberal internacional da política mundial, e eles têm profundos interesses em preservar este sistema [...]. A ordem liberal internacional não tem competidores. Pelo contrário, a ascensão das nações não ocidentais e a interdependência econômica e securitária estão reforçando as suas bases.

A riqueza e o poder estão cada vez menos concentrados nas mãos norte-americanas, pois o país passa a ter menos poder relativo para moldar a política internacional, porém, a ordem internacional liberal e as instituições fundadas pelos estadunidenses irão sobreviver, segundo argumentações de Ikenberry (2011). A China e outras nações em ascensão não se deparam apenas com uma ordem liberada e moldada pelo ocidente, mas depara-se com um amplo sistema internacional que foi o produto de séculos de aperfeiçoamento e inovação (IKENBERRY, 2011). O sistema internacional atual veio do processo da expansão do sistema moderno de Estados originado com a Paz de Westfália<sup>4</sup> em 1648 e da ordem liberal moldada pelo ocidente nos últimos séculos e fortificada pela ascensão de novos Estados democráticos.

Potências em ascensão têm forte interesse em um sistema aberto e baseado em regras, de maneira a facilitar o acesso ao comércio, aos investimentos e aos conhecimentos. Sem o investimento dos Estados Unidos e da Europa nas últimas décadas, por exemplo, a China e outras potências emergentes estariam em uma estrada de desenvolvimento menos avançada. Nações emergentes como o Brasil, China e Índia buscam as proteções e direitos da ordem internacional westfaliana e as vantagens econômicas advinda da ordem liberal internacional. Eles utilizam as regras e as instituições liberais como plataformas para projetar sua influência e garantir sua legitimidade interna e externa.

Os participantes do sistema têm à sua disposição opções de comércio, mecanismos de resolução de controvérsias, quadros para ação coletiva, acordos

---

<sup>4</sup> A Paz ou acordo de Westfália, foi feito entre os países europeus envolvidos na chamada Guerra dos Trinta Anos. Diversos acordos foram realizados com os países, visando a paz e o respeito mútuo diante diversos assuntos. Esse acordo entre as nações europeias, é considerado por muitos o marco da diplomacia e do direito internacional moderno.

regulatórios e recursos para tempos de crise. Assim, se por um lado há uma variedade de motivos que incentivam nações emergentes a juntarem-se à ordem, por outro, há uma lógica organizacional concorrente que represente competição das nações diante à ordem liberal (IKENBERRY, 2011).

Segundo Ikenberry (2011) as nações emergentes ainda possuem outro motivo para juntarem-se às instituições ocidentais existentes, de forma a tranquilizar seus vizinhos e outras potências distantes em um contexto de ascensão de novas potências. A ascensão da China poderia criar divergências por parte de seus vizinhos, trazendo perigos para a estabilidade do sistema, conforme a teoria realista menciona. Para evitar isso, a China tende a ser cada vez mais integrada às instituições multilaterais existentes de maneira a convencer os atores do sistema internacional de sua estratégia de ascensão pacificadora.

Em um mundo cada vez mais integrado politicamente e economicamente, os custos de não se integrar aos sistemas existentes também são cada vez maiores, pois a realidade do sistema, cujas ameaças são cada vez mais constituídas por terrorismo e mudanças climáticas, requer novos patamares de integração entre os seus membros (IKENBERRY, 2011). As antigas e novas tendências de potências discordam de como essa cooperação deve acontecer, mas todas possuem motivos para evitar uma desintegração da ordem multilateral existente:

Um número cada vez maior de Estados vai dividir as responsabilidades do sistema de governança econômica e securitária. [...] As nações emergentes não apenas se tornam mais influentes no plano global, elas também ganham influência no plano regional, o que cria uma série de ameaças e, por isso, os Estados ainda procurará por Washington para garantir a sua segurança. Então, nesta nova ordem internacional, os Estados Unidos não terão o poder de governar, mas terão o poder de liberar (IKENBERRY, 2011, p.11, tradução nossa).

Em um artigo recentemente publicado, Joseph Nye reconhece um declínio relativo do poder norte-americano simultaneamente devido a um crescimento de influência da China no cenário internacional (NYE, 2012).

O autor analisa o sistema internacional utilizando a metáfora de um jogo de xadrez tridimensional, sendo que no topo estaria o poder militar marcadamente unipolar, em que os Estados Unidos tendem a manter a primazia por muito tempo, diante a seu enorme exército. O meio do tabuleiro seria o poder econômico que há mais de uma década tem configuração multipolar com os Estados Unidos, Europa,

Japão e China sendo os principais players do cenário, sendo que outros Estados estejam crescendo em influência, e por fim, a base do tabuleiro são as forças transnacionais externas ao poder governamental, em que o poder é densamente difuso entre investidores, terroristas, *hackers*, mudanças climáticas e pandemias.

Hoje, alguns afirmam confiantemente que o século XXI verá a China substituir os Estados Unidos como o Estado que lidera o mundo, enquanto outros argumentam com igual confiança que o século XXI será o século dos Estados Unidos. Entretanto, imprevistos muitas vezes confundem tais projeções. Sempre há uma variedade de possibilidades futuras, e não somente uma (NYE, 2010, p. 10, tradução nossa).

Nye (2012) argumenta que muitos autores e analistas exageram ao enxergarem o poder chinês. Não há dúvidas que a ascensão chinesa pode criar instabilidade para a supremacia norte-americana. O autor em sua obra relata que mesmo que o PIB chinês supere o norte-americano, a China ainda possui uma série de desafios que não permitirão ao país tornar-se mais poderoso que os Estados Unidos em um futuro muito próximo. O país se tornará velho antes de ficar rico, pois a China tem um desenvolvimento desigual e problemas demográficos. Além disso, não se deve deixar de mencionar os problemas potenciais de seu sistema político e a sua posição geopolítica desvantajosa, com a Índia e o Japão representando uma constante ameaça.

Portanto, Nye (2012) sugere que os Estados Unidos permanecem em vantagem absoluta no poder militar, no desenvolvimento tecnológico e também nas vantagens de seu *soft power*<sup>5</sup> e *smart power*<sup>6</sup>, mas reconhece um declínio relativo desse país no Sistema Internacional devido à ascensão de países em desenvolvimento. Dentre esses, a China merece atenção especial, sem desconsiderar, contudo, os desafios que terá que enfrentar nas próximas décadas.

---

<sup>5</sup> Para Joseph Nye “o *soft power* é mais do que a simples persuasão ou capacidade de incitar as pessoas, por meio da argumentação”: ele corresponde, também, “ao talento para seduzir”, e “a sedução conduz, frequentemente, a uma certa submissão”; em conclusão, “o *soft power* é um poder de sedução” (2004, p. 6, tradução nossa).

<sup>6</sup> O conceito foi criado por Joseph Nye em 2003. Está relacionada com elementos do *hard power* e formas de atuação das características *soft power*, permitindo obter resultados mais eficazes. O *smart power* valoriza a importância de agir com inteligência, agindo de forma com o contexto nacional e internacional, com o sistema político, diferenças culturais e influências econômicas, conciliando as dimensões humanas e do conhecimento (NYE, 2007).

### 3.3 A PERSPECTIVA CHINESA

De forma geral, a produção teórico-acadêmica das Ciências Sociais na China aponta que o crescimento econômico chinês nas últimas décadas levará a uma “ascensão pacífica” sem causar instabilidades no sistema, sendo a teoria dominante entre os acadêmicos orientais. A “ascensão pacífica” da China contribuiria para a democratização das relações internacionais e para a formulação de uma nova estrutura de governança política e econômica mais igualitária e eficiente, capaz de atender todas as necessidades do sistema internacional (KANG, 2007). Portanto, critica a visão ocidental que sugere a partir da experiência europeia, que ascensão de potências frequentemente é acompanhada por guerras e balanceamento de poder, ou seja, que esse cenário tenderia a ser replicada para o caso da ascensão chinesa.

Kang (2007), um dos principais teóricos orientais que trata sobre a ascensão chinesa, critica a visão dos teóricos ocidentais de Relações Internacionais, que relacionam a ascensão de grandes potências com instabilidades e futuros conflitos. Para Kang (2007), são os interesses e as identidades<sup>7</sup> que trazem ameaça ou estabilidade nas relações internacionais e não o poder, como a teoria realista preconiza, sugerindo dessa forma, que a teoria realista não explica a realidade da Ásia.

Por muito tempo os acadêmicos de Relações Internacionais derivaram proposições teóricas da experiência europeia e trataram-nas como dedutivas e universais. Nós construímos uma importante nova linha de pesquisa que corrige esse paroquialíssimo cientificamente indefensível (KANG, 2007, p.23, tradução nossa).

Alguns teóricos ocidentais explicam que a atual estabilidade e a ausência de balanceamento na Ásia derivam do fato de os Estados do leste-asiáticos serem muito pequenos para balancear a China, entretanto Kang (2007) apresenta alguns exemplos históricos de Estados pequenos que balancearam grandes potências<sup>8</sup>, para sugerir que caso a China representasse uma ameaça a seus vizinhos, esses iriam “balanceá-la” independentemente de seu tamanho.

---

<sup>7</sup> Para o autor Kang (2007), o significado da palavra “identidade” é um conjunto de ideias de como uma determinada nação se define no mundo.

<sup>8</sup> Coreia do Norte desafiando os Estados Unidos, o ataque do Vietnã à China em 1979 e a entrada do Japão na guerra contra os Estados Unidos, sabendo que não venceria.

Conforme mencionado acima, a perspectiva de Kang (2007) enfatiza identidades e interesses, diferente da visão da teoria realista, que aponta para o poder como variável definidora das relações entre os atores no sistema internacional. Estados poderosos geram oportunidades e ameaças, sendo que os atores relativamente menos poderosos encontram-se despreparados quando enfrentam um vizinho poderoso. Se o Estado dominante for essencialmente pacífico, como no caso da China, o Estado relativamente menos poderoso tende a adotar uma posição de acomodação que o permita beneficiar-se economicamente das suas relações próximas com o vizinho poderoso ou em ascensão. Se o Estado dominante for essencialmente expansionista e perigoso, o Estado menor tenderá a adotar uma posição mais cautelosa, visando defender a si próprio. O cálculo de ameaças de um Estado menor é dado em função, portanto do que ele acredita ser a identidade e o interesse do Estado dominante dentro das relações internacionais, e não função do poder relativo em relação ao ator dominante.

Kang (2007) enfatiza que a China tem a consciência que fomentar conflitos com os países vizinhos traria prejuízos e perdas do que benefícios e que o país tem muito a ganhar com as boas relações. O autor acrescenta ainda que há muito otimismo no continente Asiático e que os países da região tendem a compartilhar mesma visão, que a China é mais benigna do que as teorias convencionais de Relações Internacionais mencionam.

O ponto central é que as Relações Internacionais do Leste Asiático enfatizavam uma hierarquia formal entre nações, enquanto permitiam uma igualdade formal. O sistema era baseado e reforçado, ao longo dos séculos, por práticas culturais. Isso contrasta com a tradição ocidental de Relações Internacionais, que consiste em uma igualdade formal entre nações, em uma hierarquia informal e em quase constante conflito entre Estados (KANG, 2007, p.25, tradução nossa).

As potências em ascensão apresentam oportunidades e ameaças, a China apresenta oportunidades econômicas e potenciais militares para seus vizinhos. Segundo Kang (2007), a percepção dos países que circundam a China é de que as oportunidades superam as ameaças. Sendo assim, os países do leste-asiático preferem uma China forte, pois uma China forte é capaz de estabilizar a região, enquanto uma China fraca pode incentivar iniciativas de balanceamento. Portanto, para Kang (2007) a China deverá continuar sua estratégia através da estabilidade e de relações pacíficas com seus vizinhos.

Hu Angang (2010), outro renomado teórico da ascensão chinesa, estuda a reordenação política e econômica do sistema internacional e qual a posição que a China desempenhará nesta nova realidade. Há duas grandes tendências que o autor aponta para caracterizar a nova configuração global: o aumento da demanda por bens públicos globais que são interpretados pelo mesmo como pré-condições para o bem-estar de uma nação, como segurança global, segurança ecológica, segurança da saúde, entre outros, e a existência de um sistema de governança global falho devido à irracionalidade econômica e política, com as organizações internacionais incapazes de gerenciar crises políticas, econômicas e ambientais.

Segundo o autor, a presente ascensão chinesa deve ser vista como um ponto positivo para a ordem global, pois se trata da elaboração de um novo sistema de governança global mais igualitário e eficiente, no qual a China exerceria uma liderança na oferta de bens públicos globais<sup>9</sup>. “A China terá um papel cada vez mais ativo em moldar a ordem internacional e em tomar maiores responsabilidades no fornecimento de bens públicos globais e na governança global”. (ANGANG, 2010, p.1, tradução nossa)

O aprofundamento do processo de globalização exige uma estrutura de governança mais efetiva, pois o atual sistema de governança não consegue fornecer os bens públicos globais demandados, não alcança um acordo global efetivo para tratar das questões de meio ambiente ou evitar a proliferação de armas de destruição em massa, portanto, segundo Hu Angang (2010), esses fatores mostram que o atual sistema de governança global é incapaz de exercer uma liderança eficaz. O autor argumenta que a China assumirá liderança em diversos pontos da agenda global, buscando oportunidades se tornar um agente promotor da liberalização comercial e da globalização econômica, um líder na construção de um novo sistema de governança global, um fornecedor de bens públicos globais e, por fim, um país modelo de desenvolvimento sustentável e líder da quarta Revolução Industrial, chamada de Revolução Verde.

Segundo o autor, a crise ambiental que vivemos nos dias atuais é o maior

---

<sup>9</sup> É uma política que cuida de itens ou bens comuns a todos os seres humanos no planeta, em suma, de interesse público. A água, o ar, a terra, a floresta, a fauna, a flora entre outros são bens públicos globais. É no contexto dos debates sobre a globalização, a relação entre os Estados e as mudanças no cenário internacional, o esse conceito é abordado nas relações internacionais.



desafio à humanidade e à ordem internacional, inclusive sendo maior do que crises econômicas e políticas. A Revolução Verde deverá ser o mais importante motor de desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias, passando a configurar a quarta Revolução Industrial e mudando profundamente o panorama social e econômico. Hu Angang (2010) acredita que a China utilizará da Revolução Verde para se tornar líder de inovações tecnológicas e motor do crescimento econômico, científico e político, as quais trariam novas oportunidades para atingir o seu desenvolvimento pacífico.

É importante, neste momento, que a China tome posições perante o sistema internacional e siga estratégias de desenvolvimento compatível com a nova situação do país e com a realidade da situação internacional. Hu Angang escreve:

Dentro da história moderna, nunca o mundo precisou tanto da China como hoje e nunca a China precisou do mundo tanto quanto hoje. A liderança chinesa deve descolar-se de sua posição passiva de aceitação e participação para uma posição ativa de liderança dos assuntos regionais e internacionais. [...] Se a China não agir como líder, ela será incapaz de defender seus interesses no exterior. Ser um líder não significa necessariamente buscar hegemonia. Significa tornar-se um importante polo na ordem internacional multipolar. Agora, seria prejudicial à reputação chinesa não adotar uma posição de líder, e pode ser ainda mais prejudicial não tomar iniciativa e assumir responsabilidades internacionais (2010, p.21, tradução nossa).

Essa nova situação apresenta desafios e oportunidades, sendo que as oportunidades estão em primeiro lugar e os desafios, em segundo. O autor conclui que a ascensão chinesa não modifica apenas a configuração econômica e política internacional, ela também modifica o papel da China no sistema internacional. A China seguirá o seu desenvolvimento e sua ascensão pacífica, tendo em vista as possibilidades de exercer a liderança na chamada Quarta Revolução Industrial, de expandir seu *soft power* para além de suas atuais áreas de influência e de remodelar o sistema de governança global. Para isso, é necessário que a China abandone sua posição de relativo isolamento e exerça liderança perante o sistema internacional (ANGANG, 2010).

Outro importante teórico que estuda o processo de ascensão chinesa e suas consequências para o sistema internacional é Zheng Bijian, criador do conceito “ascensão pacífica”, além de consultor de estratégias internacionais do governo chinês. Sua tese central é que a China perseguirá uma trajetória de ascensão não sustentada na expansão territorial ou na imposição de ameaças a outros países -

conforme ocorreram com as ascensões e quedas das grandes potências ocidentais - , mas focada no esforço doméstico em busca de desenvolvimento político, econômico e social. A China buscará um caminho diferente, trabalhando para integrar-se com o mundo, em vez de desafiá-lo (BIJIAN, 2005).

A China vai ter uma trajetória de desenvolvimento totalmente diferente da trajetória de ascensão das principais potências na história moderna mundial [...]. A nossa nova trajetória tem origem nos seguintes fatores, quais sejam: confiar no nosso próprio desenvolvimento; confiar na abertura de nossos mercados; confiar na inovação institucional; confiar em estar conectado com a globalização econômica ao invés de estar isolado dela; confiar em reciprocidade e benefício mútuo com outros países com o propósito de relações com ganhos absolutos (ZHENG, 2005, p. 5-6, tradução nossa).

Muitos criticam a visão de Zheng Bijian, apontando que a “ascensão pacífica” da China não depende só dela mesmo, pois essa ascensão do país chinesa também demandaria que o resto do mundo criasse um ambiente internacional favorável para esse posicionamento, além da necessidade de a própria China gerenciar os seus problemas internos que eventualmente podem travar uma ascensão com caráter pacífico.

O próprio autor descreve diversos desafios internos que a China terá de enfrentar em sua trajetória de ascensão, como a falta de recursos naturais, os problemas ligados à corrupção, poluição, o desenvolvimento socioeconômico desigual, além dos desafios externos, como a resistência das potências já estabelecidas perante sua ascensão, principalmente os Estados Unidos. Porém, Bijian (2005) menciona que a China terá de enfrentar dificuldades internas em seu caminho, como a legitimidade dos governantes, a estrutura dos campos e das cidades, e também a questão de sua gigantesca população.

Em suma, Bijian (2005) conclui que a ascensão pacífica chinesa não buscará a hegemonia ou dominação, como também não tentará lutar contra a hegemonia de outras nações, mas a ascensão chinesa visa um novo rumo a ordem econômica e política pautado em reformas e democratização das relações internacionais. Assim, a China será uma força construtiva de paz e estabilidade, cuja trajetória trará consigo oportunidades e não ameaças.

### 3.4 UM BALANÇO DE PERSPECTIVAS: TEORIAS OCIDENTAIS VS TEORIAS ORIENTAIS

A corrente realista retrata que o sistema internacional é governado pela anarquia e que os únicos atores das relações internacionais são os Estados, os quais visam seus interesses próprios e competem por ganhos relativos de poder. Sendo assim, para a corrente realista, os Estados agem racionalmente prezando pela sua sobrevivência tentando aumentar seu poder, defender suas agendas, causando muitas vezes tensões e conflitos com outros atores do sistema. Para a abordagem realista, a ascensão chinesa teria considerável potencial de desestabilizar o sistema. Mearsheimer (2001 e 2006) afirma que caso ocorra a ascensão chinesa, esta não irá ser de maneira pacífica e, automaticamente os vizinhos chineses irão se unir com os Estados Unidos para contê-la. Já Waltz, realiza uma análise aparentemente mais pacífica do que a de Mearsheimer, dizendo que a ascensão chinesa pode ser acompanhada de instabilidades e de conflitos, caracterizados por um processo de balanceamento externo de transição do sistema unipolar para o bipolar. Para esse autor, provavelmente a China e os Estados Unidos dividiriam responsabilidades hegemônicas dentro de um mundo bipolar.

A corrente liberal se sustenta na ideia de que o aumento dos vínculos econômicos e dos laços institucionais aumenta as chances de cooperação e diminui as chances de conflitos, pois há uma maior integração entre os países. Portanto, a perspectiva liberal sugere que a integração da China na economia global e sua crescente participação em organizações internacionais trazem benefícios a todos os atores do comércio internacional, reduzindo as ameaças de uma China beligerante e aumentando as possibilidades de uma ascensão pacífica (IKENBERRY, 2011). Porém, Ikenberry (2011) aponta que mesmo dentro do contexto de declínio relativo dos Estados Unidos, as instituições multilaterais não serão substituídas por uma nova ordem criada pelas nações emergentes. Nye (2012) relata que apesar do declínio relativo do poder estadunidense e da ascensão chinesa, a China terá muitos desafios para serem enfrentados que não permitirão superar a hegemonia norte-americana em um futuro próximo.

Os acadêmicos chineses preconizam que o país terá uma ascensão pacífica sem causar instabilidades no sistema, sendo semelhante à teoria liberal (KANG, 2007; HU, 2010; ZHENG, 2005). A visão dos teóricos orientais sugere que a

ascensão chinesa representa um ponto positivo para a ordem global, pois não se assemelha à experiência europeia, que foi acompanhada de guerras e balanceamento de poder, sendo dessa forma, criticando a corrente realista, pois a ascensão chinesa não tenderia a ser replicada (KANG, 2007).

Segundo Angang (2010), a ascensão da China contribuiria para a democratização das relações internacionais através da formulação de uma nova estrutura de governança política e econômica, diferente da visão de Ikenberry (2011) que diz que a ascensão chinesa utilizará as organizações internacionais ocidentais para projetar poder e ganhar legitimidade frente às outras potências. Segundo Nye (2012), a China passará por diversas dificuldades para superar os Estados Unidos em um futuro próximo.

## 4 A CHINA NO SISTEMA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI

A China já superou o Japão como a segunda maior economia mundial. As grandes questões a serem respondidas na atualidade são: Quando ultrapassará os Estados Unidos? A China acabará com a ordem internacional ou fará parte dela? O que podem fazer os EUA para manter sua posição enquanto a China segue crescendo? Em termos econômicos, as perspectivas mais otimistas é que os países vão se igualar em 2020. No entanto, seria possível afirmar que a China assumiria o posto de potência hegemônica, hoje ocupado pelos EUA, em virtude de seu progresso econômico?

Nas últimas décadas, surgiu uma nova ordem mundial marcada por grandes transformações geopolíticas. A China, por meio do plano de reformas políticas implantado na década de 1970, vem ocupando um lugar de destaque no século XXI. A economia cresce a índices nunca vistos antes, a capacidade tecnológica chinesa superou as expectativas, como também pretende dominar a mais alta tecnologia mundial até 2050 e os investimentos militares vêm aumentando proporcionalmente aos percentuais econômicos. A China não pode acalentar os mesmos anseios em termos de hegemonia mundial que são inerentes ao pensamento ocidental. Em contrapartida, pode se tornar uma ameaça concreta aos EUA, levando em consideração que, de um dos países mais atrasados há apenas quatro décadas, se transformou na segunda economia mundial.

### 4 1 ASCENSÃO PACÍFICA

Com o passar do tempo, a China foi desenvolvendo sua economia e ganhando espaços no cenário internacional, se tornando a segunda maior economia mundial em 2011, ultrapassando o Japão (CHINA, 2011). Podemos observar que o termo “ascensão pacífica” retrata exatamente os objetivos para os próximos anos da sua política externa.

A expressão “ascensão pacífica” começou a ser pronunciada desde o final de 2003, quando o presidente Hu Jintao a utilizou pela primeira vez, referindo-se à estratégia do crescimento econômico político, acompanhado de uma crescente inserção internacional sem trazer desestabilidades à ordem vigente. A utilização do

termo por parte dos diplomatas e políticos ganhou forças e passou a ser usado como sinônimo da ascensão chinesa. O projeto da “ascensão pacífica” é um termo bastante usado nas discussões do mundo acadêmico e uma das principais retóricas nos discursos oficiais do governo chinês presente também em grande parte dos documentos oficiais (CHINA, 2015).

O presidente Hu Jintao em um discurso realizado em 26 de dezembro de 2003 retratou a “ascensão pacífica”, dizendo que a China deveria insistir em tomar o caminho da ascensão pacífica ao buscar o multilateralismo, baseados em cinco princípios da coexistência pacífica. De forma a desenvolver ativamente o intercâmbio e a cooperação com base na igualdade e benefício mútuo, além de colaborar com a paz mundial (GLASER, 2007, p.298).

Conforme Cunha (2008, p 9) os cinco princípios, são:

Respeito mútuo à soberania e a integridade nacional; não agressão; não intervenção nos assuntos internos do país por parte de outro; igualdade e benefícios recíprocos e a coexistência pacífica entre os Estados com sistemas sociais e ideológicos diferentes.

Com estas premissas, o governo chinês acredita que a China pode expandir seu desenvolvimento através da paz mundial, buscando vantagens em seus objetivos; baseando se na força interna de seu trabalho independente e forte; aumentar a política comercial dos seus mercados; deixando a “ascensão pacífica”, como base para as futuras gerações; não entrar em conflitos com outros países e nem ameaça-los; e principalmente de não alcançar sua ascensão à custa de outra nação. Portanto, mesmo depois de se tornar poderosa, a China não buscaria um status de hegemonia no sistema internacional (SUETTINGER, 2005, p.4).

Ao promover o conceito de “ascensão pacífica”, os líderes chineses estão, de fato, reconhecendo que eles precisam evitar os tipos de políticas buscadas pelas primeiras potências ascendentes – República de Weimar, Japão Imperial e União Soviética as quais foram vistas como levando a uma crise sistêmica. Eles querem convencer o mundo de que a China está preparada para fazer parte do sistema internacional sem o desestabilizar. (MOHAN, 2004 apud AMARAL, 2012, p. 84).

Hu Jintao e o ex-ministro, Wen Jiabao, utilizaram o termo “ascensão pacífica” de forma estratégica para a política externa, porém, foram questionados a respeito

desse preceito. Durante a Conferência de Bo 'ao<sup>10</sup>, em 2004, o presidente Hu Jintao utilizou por vez, as expressões: “paz e tranquilidade”, “coexistência pacífica”, “paz e estabilidade”, descartando o termo “ascensão pacífica” (GLASER, 2007, p.299).

Acadêmicos do mundo todo começaram a analisar a política externa chinesa, após utilização do termo “ascensão pacífica” como estratégia nacional, ao qual nunca debatida antes.

O que faz o discurso da *heping jueqi* [ascensão pacífica] interessante é que é mais pertinente para os próprios interesses, intenções e políticas domésticas e internacionais da China do que como os chineses deveriam perceber seus vizinhos e o resto do mundo. O que também interessante é o fato de que o conceito foi primeiramente adotado por líderes políticos e, então, caiu nas declarações oficiais obtendo repercussões domésticas desfavoráveis, enquanto seus iniciantes ainda eram capazes de usar o termo em público (WANG, 2006, apud AMARAL, 2012, p. 88).

Além das academias, o termo empregado ganhou notoriedade dentro do Partido Comunista Chinês, no qual questionava a utilização dessa terminologia. O termo “ascensão” traria uma conotação de emergência de um novo poder, o que poderia desagradar à comunidade internacional e, especialmente, os países vizinhos.

A denominação “ascensão” em mandarim possui a ideia de ruptura brusca, uma imagem que definitivamente o governo chinês não gostaria de passar. Já o adjetivo “pacífico”, transmite uma mensagem harmoniosa (GLASER, 2007). A China temia que o seu crescimento fosse compreendido como uma ameaça, pois não seria seu objetivo desafiar o sistema e alterar a ordem Mundial.

Diante desse debate, foram criadas novas terminologias para descrever o processo da ascensão chinesa, como “trajetória de desenvolvimento pacífico”, “rejuvenescimento pacífico” e “desenvolvimento pacífico” (CHINA, 2005).

A expressão “desenvolvimento pacífico”, em vez de “ascensão pacífica”, foi a melhor maneira encontrada pelas autoridades chinesas, pois a denominação “desenvolvimento” transmite uma conexão menos agressiva, portanto, mais apropriada para contradizer a hipótese realista da “ameaça chinesa”. Para Zheng Bijian (2005), o “desenvolvimento pacífico” seria o trajeto a ser perseguido para a modernização chinesa, através da tecnologia, dos recursos e do capital alcançados

---

<sup>10</sup> Conferência dos países Asiáticos em assuntos de interesse da região, como em determinados assuntos, Austrália e Nova Zelândia também participam.

de maneira pacífica.

A comunidade acadêmica atribui à discussão e a relevância desses temas. Em contrapartida, o governo chinês lançou, em 2005 um documento chamado "*China's Peaceful Development Road*" (O caminho do desenvolvimento pacífico da China), no qual retrata claramente seus objetivos da política externa (CHINA, 2005).

O documento enfatiza a trajetória de desenvolvimento pacífico da China e como ela está relacionada de acordo com suas condições domésticas, desde a história e a tradição cultural do país até as linhas gerais da diplomacia chinesa. Em outras palavras, a ascensão chinesa seria um importante fator para o desenvolvimento da toda a sociedade internacional, ressaltando que esta não é uma ameaça, pelo contrário, contribuirá para a paz no sistema internacional, reconhecendo também as fraquezas do desenvolvimento do país, como a desigualdade econômica e social (CHINA, 2005).

O discurso defende a ideia da interdependência nas relações internacionais, em que o mundo se beneficia do desenvolvimento chinês e a China se beneficia do relacionamento com os demais Estados. Destaca-se a preocupação chinesa em construir um ambiente internacional de paz e prosperidade, remetendo aos Cinco Princípios de Coexistência Pacífica e enfatizando a ajuda chinesa a países em desenvolvimento, em especial à África, através do tratamento tarifário diferenciado, da construção de infraestrutura e da qualificação de mão-de-obra (CHINA, 2005).

O governo chinês se preocupou em não dar espaço para que acadêmicos e grandes líderes políticos, pudessem questionar sobre o crescimento da China bem como, desestabilizando o sistema internacional com seu crescimento. Diante da visão chinesa o crescimento de sua política externa será de modo gradual. Desse modo, alguns questionamentos podem ser elaborados com relação à aparição do discurso e conceito da "ascensão pacífica" e seu posterior desaparecimento, em favor do conceito de "desenvolvimento pacífico".

Barry Buzan, teórico da Escola Inglesa de Relações Internacionais, em seu artigo publicado em 2010 no *Chinese Journal of International Politics*, realizou uma análise sobre a possível ascensão pacífica chinesa. Buzan (2010) considerou a emergência da China no cenário internacional, como um processo possível de ser realizado de maneira pacífica. No entanto, segundo o autor, conseguir isso nas próximas três décadas, será muito mais difícil do que suas mudanças internas e



externas das últimas três décadas. O processo de ascensão da China inevitavelmente criará tensões, considerando que a China não pode mais repetir sua experiência anterior, quando sua política externa estava mais voltada para o seu desenvolvimento econômico interno e uma postura mais tímida no cenário internacional. Essas tensões, portanto, são o preço a ser pago pela sua ascensão e os custos intrínsecos a um grande poder.

Para Buzan (2010), os principais desafios políticos internacionais para a ascensão chinesa será a sua relação com os Estados Unidos, o Japão e a sociedade internacional. Para isso, a China deverá prestar atenção na distinção entre os níveis global e regional e como eles interagem. No nível global, o Ocidente e seus valores permanecem como dominantes e provavelmente a melhor estratégia para a China será evitar entrar em rivalidade com os Estados Unidos. Caso isso não possa ser evitado, é preciso que a China garanta que os Estados Unidos não se sentirão desafiados por ela. No âmbito regional, a China deve evitar ameaçar seus vizinhos e buscar estabelecer algum tipo de relação consensual com sua região.

O perigo é que a ascensão da China se torne menos dependente dos Estados Unidos e mais oposta à sua liderança e que os Estados Unidos se sintam mais ameaçados pelo crescimento de seu poder e revisionismo. O resultado benigno é que a ascensão da China se torne cada vez mais integrada à sociedade internacional, sendo mais uma grande potência *status quo* responsável, e não sendo vista como uma ameaça aos Estados Unidos (BUZAN, 2010, p.22-23, tradução nossa).

Com relação ao Japão, Buzan (2010) considera que a delicada relação entre esses dois vizinhos é determinante para a possibilidade de ascensão pacífica da China, pois a dinâmica do relacionamento sino-japonês seria o mais importante da atualidade para aquele país, pois a China não conseguirá construir uma sociedade internacional pacífica na Ásia sem o Japão, não podendo assim alcançar um ambiente pacífico em nível global. Uma relação mais amigável e fortalecida com o Japão poderia no futuro, diminuir a presença norte-americana na Ásia; caso contrário, o Japão possuiria uma forte aliança com os Estados Unidos, resultando em uma deterioração nas relações sino-japonesa. Nesse cenário, a ascensão pacífica da China ficaria cada vez mais distante de se concretizar.

Um relacionamento ruim com o Japão é a contradição notável para a possibilidade de a China ascender pacificamente dentro de sua região e lança dúvidas em toda a retórica de ascensão/desenvolvimento pacífico. Se a China não conseguir obter um bom relacionamento com as grandes

potências vizinhas, isso também prejudicará seus apelos para um sistema internacional multipolar harmonioso (BUZAN, 2010, p.27, tradução nossa).

O último desafio posto pela ascensão chinesa é a sua relação com a sociedade internacional, pois o governo chinês precisará deixar claro para a sociedade o que ele realmente é e quais suas verdadeiras intenções. Para Buzan (2010), o governo chinês precisa se esforçar para ver a si mesmo e, também enxergar como os outros a veem para que, então, consiga alcançar seus objetivos.

Apesar dos desafios apontados por Buzan (2010), o autor é otimista quanto à ascensão/desenvolvimento pacífico chinês. Ele alerta, contudo, que os próximos anos serão mais difíceis. Para manter sua ascensão, a China precisará pensar mais sobre si e sobre a sociedade internacional, a qual é hoje um dos principais atores:

Esse processo irá criar, inevitavelmente, algumas tensões, mas sabendo que a China não pode repetir sua experiência dos últimos trinta anos, estas tensões são os preços inevitáveis de sua ascensão. A China tem como escolher quais formas estas tensões terão e, se desempenhar bem o seu papel, as tensões não precisarão ser incompatíveis com a "ascensão pacífica". [...] A China precisa ter mais atenção à distinção entre os níveis regional e global e na interação entre eles (BUZAN, 2010, p.34, tradução nossa).

#### 4.2 O DIÁLOGO ENTRE EUA E CHINA

De acordo com Bobbio (1998) a palavra hegemonia na literatura das Relações Internacionais, significa uma "direção suprema". O conceito de hegemonia é a supremacia de um Estado/Nação que exerce influência tanta econômica, como cultural e militar sobre os demais Estados. A definição da palavra hegemonia é de fato o poder, a influência e o domínio sobre um principal ator no cenário internacional.

Segundo Ferguson (2008) afirma, o sangrento século XX foi testemunha do "declive do Ocidente" e de uma "reorientação do mundo" para o Oriente. Porém, ainda há muitos fatores a serem considerados. Segundo Dupas (2008, p.8) a China não pretende disputar o poder militar com os EUA, pois "seu objetivo é tornar-se um polo econômico mundial alternativo ao polo americano".

Em termos militares, merece destaque o fato de que o declínio da hegemonia norte-americana não significa necessariamente a perda da sua capacidade coercitiva. Isso porque, levando-se em consideração o contexto atual, pode-se

afirmar que o sistema internacional vive um momento excepcional.

Mesmo que a economia chinesa continue ascendendo e venha se igualar à norte-americana no aspecto militar - com este sendo considerado um dos elementos essenciais para a caracterização de uma superpotência -, há um abismo entre os dois países.

Nessa área, o que importa são os números absolutos de quantidade de efetivo, como armamentos, máquinas e tecnologia empregada. Conforme ressalta Fred Teng (2011), o orçamento militar chinês é de US\$91,5 bilhões, enquanto dos EUA é de US\$663,8 bilhões na defesa de seus habitantes. A China conta com 2.285.000 soldados, ao passo que os EUA têm 1.580.255 soldados, porém a China possui um soldado para cada 585 cidadãos, enquanto os EUA possuem 1 para 198 cidadãos.

Nesse aspecto, é provável que a China não dispute de forma agressiva, a hegemonia com os Estados Unidos, pois para os chineses, a área militar é considerada território de influência natural dos norte-americanos. (MARCELINO, 2011).

Segundo o entendimento de Zakaria (2008, p.16), a economia chinesa não se manterá ascendente em linha reta para sempre. Essa afirmação está baseada na comparação com a economia japonesa, que já esteve em situação semelhante. O autor salientou que "a China parece estar a ponto de conquistar o mundo, mas o Japão já esteve nesse lugar por algum tempo também. Já foi a segunda maior economia do mundo".

Mesmo que a China seja a maior economia do mundo, os números baseiam-se em algo chamada "paridade do poder de compra". O PIB da China inflou-se por que o custo de um corte de cabelo em Pequim, por exemplo, é mais baixo do que em Toronto. O poder internacional, contudo, não depende do preço de um corte de cabelo. Depende de ajuda externa, petróleo, investimentos internacionais e porta-aviões, e é necessário possuir moeda forte para tudo isso, o que modifica um pouco os números (ZAKARIA, 2008, p.18, tradução nossa).

A China sempre foi cercada de vários pequenos países, embora muito importantes, que sendo analisados em conjunto, representam uma ameaça, como aponta Kissinger (2012, p. 27) "[...] qualquer tentativa da China de dominar o mundo, provocaria uma reação que seria desastrosa para a paz mundial".

Não existe essa história de Ásia. China é uma coisa, Japão é outra e Índia é outra. Os países não gostam muito uns dos outros. A ascensão da China provocará uma reação enérgica na Índia, no Japão, na Indonésia, no Vietnã e na Coreia do Sul. Já começamos a ver os primeiros sinais disso. A China não está crescendo de maneira isolada, mas em um continente em que há um enorme número de competidores (ZAKARIA, 2012, p. 20, tradução nossa).

A ascensão do continente asiático irá ser uma das grandes transformações do século XXI, como aponta Nye (2012), porém o autor ressalta que a ascensão da Ásia não resultará apenas a ascensão da China, mas que a Ásia abrange no mínimo três grandes potências.

Nos últimos anos, os EUA apresentaram uma diminuição de competitividade em relação a outros polos econômicos, como a China e a União Europeia. A crise econômica enfrentada nos últimos anos ocasionou o endividamento do governo e da população e, como consequência, a diminuição dos recursos para investimentos. Somam-se a isso os investimentos na área militar, que ultimamente têm sido superiores aos gastos com as tecnologias de uso comercial e de gastos sociais.

Os EUA seguem sendo o único *global player* que está presente e disputa posições em cada uma e em todas as regiões do mundo [...] deverão seguir aumentando sua capacidade militar em escala geométrica, numa velocidade que aumentará na medida em que se aproxime a sua ultrapassagem econômica pela China. Qualquer mudança mais substantiva nesta correlação de forças só ocorrerá com o aumento da capacidade e do poder regional e global das novas potências que estão se projetando (FIORI, 2015, p. 66-78).

Dessa forma, mesmo os EUA enfrentando uma série de fatores desfavoráveis no âmbito econômico em um declínio hegemônico no cenário internacional, ainda podem ser considerados a maior superpotência mundial. A China, portanto, pode ser considerado um grande enigma perante declínio da hegemonia norte-americana. Conforme Kagan (1997) menciona que a China pretende, em um curto prazo, ser uma potência dominante na Ásia, e em longo prazo, substituir a posição norte-americana como potência dominante no mundo.

As consequências da ascensão da China são grandiosas. A China não é vassala dos Estados Unidos, como o Japão e Taiwan, e nem é uma cidade-estado como Hong Kong e Cingapura. Embora seu poderio militar empalideça quando comparado ao dos Estados Unidos e o crescimento de sua indústria ainda dependa das exportações para o mercado norte-americano, a riqueza e o poder dos Estados Unidos dependem igualmente, ou ainda mais, da importação de mercadorias chinesas baratas e da compra, por parte da China, de títulos do Tesouro norte-americano. O mais

importante é que, cada vez mais, a China vem substituindo os Estados Unidos como principal motor da expansão comercial e econômico na Ásia oriental e em outras partes do mundo (ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 23).

Para Ikenberry (2008), a era norte-americana está cada vez mais em declínio, sendo assim, a ordem mundial orientada pelo Ocidente, será substituída por uma ordem liderada cada vez mais pelo Oriente. O autor acredita que a China irá utilizar a sua crescente influência para reconfigurar as regras e as instituições do sistema internacional em prol de seus interesses, sendo assim, a China passará a ser vista como uma ameaça cada vez maior para a segurança dos EUA, havendo tensões, conflitos, comportamentos típicos de uma transição de poder.

Kissinger (2012) acredita que a China possui muitos problemas, e para ser uma potência hegemônica, é preciso solucionar essas questões internas. Segundo o autor:

Quando existem grandes mudanças econômicas, migração de pessoas, disseminação da educação, é inevitável que essa questão se torne uma das principais preocupações da nova liderança – e isso acontecerá em um ano e meio. Independentemente da forma como essa liderança assumirá, seja uma democracia parlamentar nos moldes ocidentais ou algum outro sistema que ainda não vimos, o resultado terá de incluir mais transparência e participação. E creio que a próxima mudança de líderes refletirá isso. É por esse motivo também que não acredito que um país tão ocupado como uma mudança desse porte terá tempo também para pensar em dominar o mundo (KISSINGER, 2012, p. 43).

Para Ferguson (2012, p. 85-86), a China certamente dominará o século XXI, pois de acordo com o autor, os problemas do Ocidente são mais relevantes do que aparentam ser:

E se a China expandir gradualmente seus vínculos econômicos, agir de forma calma e moderada e aumentar lentamente sua esfera de influência, buscando apenas maior camaradagem e influência no mundo? E se o país se posicionar silenciosamente como a alternativa frente a uma América intimidadora e arrogante? Como os Estados Unidos lidarão com isso? Esse é um novo desafio para os americanos, que não estão preparados para tal. E é exatamente por essa razão que a China dominará o século XXI.

A China enfrenta diversos desafios diante de para uma futura ascensão, relacionados a seu rápido crescimento e desenvolvimento internamente, sendo eles: uma mudança macroeconômica para um nível maior da renda familiar e consumo, reversão do padrão crescente da desigualdade de renda, a busca pela redução de intensidade do uso de energia e carbono, entre outros (SPENCE, 2011).

Segundo Nye (2011), a demografia chinesa também é um elemento

preocupante, pois a população está envelhecendo rapidamente e o sistema de aposentadoria é muito precário, sendo que, em 2030, a China se assemelhará com as populações mais envelhecidas do mundo, como o Japão, a Coréia do Sul e a Itália.

A China tem um governo autoritário, sendo acusada de violar os direitos humanos, e enfrentam sérios problemas em questões energéticas que podem comprometer sua sustentabilidade econômica, fatores internos que precisam ser solucionados internamente para uma futura ascensão no sistema internacional, segundo Kissinger (2012).

Para o professor da Universidade de Harvard, diretor do Instituto de Estudos Estratégicos John M. Olin e também presidente do Conselho da Academia de Estudos Internacionais e Regionais de Harvard, Samuel P. Huntington, em sua obra “O Choque de Civilizações” estuda que as identidades culturais e religiosas dos povos, são os principais fatores dos conflitos no mundo pós Guerra Fria. A estrutura do sistema internacional hoje, segundo Huntington:

Um sistema *uni multipolar* é constituído por uma superpotência e diversas potências altamente significativas. A resolução das principais questões internacionais requer ação por parte da única superpotência, desde que, porém, ela conte com a colaboração de outros Estados importantes; essa única superpotência tem poder, entretanto, de vetar as ações sobre questões relevantes adotadas por combinações entre outros Estados. Os Estados Unidos, obviamente, são o Estado com preeminência sobre os demais em todas as esferas de poder – econômica, militar, diplomática, ideológica, tecnológica e cultural – sendo capaz de promover seus interesses em praticamente em todas as partes do mundo (1999, p. 136).

Em um mundo defendido por Huntington, caracterizando os Estados Unidos como uma superpotência, porém com outras grandes potências influentes no sistema internacional, é inevitável que as principais potências concorram, entrem em conflitos e formem alianças favoráveis, conforme seus interesses em comum.

A China recuou seu crescimento econômico desde o início do ano, sendo uma preocupação mundial, pois não só a economia chinesa diminuiu o seu ritmo de desenvolvimento, como as maiores economias estão tendo dificuldades para se livrarem dos problemas econômicos. A diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, aponta que o PIB global avançará 3,1% em 2015, o ritmo mais baixo em seis anos consecutivos, devido ao aumento das taxas de juros nos EUA e a desaceleração na China que estão contribuindo para as

incertezas de uma maior volatilidade dos mercados, segundo *EL PAÍS* (2015).

A influência internacional exercida na atualidade pelos chineses já é muito significativa, independentemente da dimensão do seu arsenal bélico e do alcance de sua economia. Entretanto os EUA continuam sendo a primeira economia mundial, representados por um governo democrático e liberal e possuindo um arsenal bélico invejável.

Em suma, são nítidas as transformações políticas e econômicas da China nos últimos anos, características marcantes que possibilitaram ao país assumir o posto de líder hegemônico do século XXI. Todavia, também é possível verificar a existência de divergências capazes de dificultar essa ascensão chinesa. Enfim, esta é uma questão que somente a história poderá nos responder.

O debate teórico sobre a transição de poder e da ascensão chinesa está longe de chegar ao fim, pois vivemos em uma realidade global crescentemente complexa - teorias relatando suas visões sobre paradigmas, sendo que na prática, o contexto pode se tornar totalmente diferente.

## 5 CONCLUSÃO

Nesse trabalho procuramos analisar de forma ordenada, os fatores e os aspectos mais relevantes da reforma econômica implementada na China durante os anos 1949 até os dias atuais. O rápido desenvolvimento da República Popular da China fez com que o país atingisse um novo patamar no sistema político e econômico mundial. Conforme o decorrer da pesquisa, os expressivos avanços nos índices econômicos da China mostram a forte capacidade dessa nação em promover o crescimento econômico.

Após o governo totalitário de Mao Tse Tung, seu sucessor Deng Xiaoping lançou o processo de reformas políticas no fim da década de 1970, que foram os principais agentes desencadeadores dessas mudanças.

As políticas de planejamento econômico foram implementadas com objetivo de gerar avanços nas áreas de defesa nacional, agricultura, indústria e ciência e tecnologia, caracterizados como “As Quatro Modernizações”. Essas reformas, realizadas por Xiaoping, visavam acabar com a preocupação da sociedade em relação à miséria e fome, drástica realidade da população por conta das fracassadas reformas do governo anterior. O PCC conseguiu retomar o crescimento da produtividade, devido ao fim das comunas improdutivas, incentivos através de subsídios para os camponeses e suprir as necessidades da demanda chinesa.

Um dos fatores de extrema relevância na reforma industrial da China foi a criação das ZEE (Zonas Econômicas Especiais). Cidades estratégicas foram escolhidas para promover a captação dos recursos necessários para dar suporte ao desenvolvimento econômico chinês, sendo que o Estado ficou responsável pelo suporte e manutenção das condições adequadas para o bom funcionamento das empresas estrangeiras no mercado chinês, pois os impostos em determinadas cidades, eram baixos para as empresas se instalarem. Em contrapartida, as empresas estrangeiras eram responsáveis por atrair novos recursos financeiros, agregar conhecimento e tecnologia e criar novos postos de empregos. Dessa forma, a China, se adaptou da melhor maneira aos desafios que a inserção no capitalismo mundial proporcionou.

A ascensão chinesa à condição de potência global faz parte de um processo amplo, de consolidação do Oriente como centro dinâmico da economia global e de perda de dinamismo relativo das economias desenvolvidas no Ocidente. A China



vem apresentando índices impressionantes de crescimento econômico, sendo considerada, na atualidade, a segunda maior economia mundial, atrás apenas dos EUA.

O debate sobre as causas e consequências do processo de ascensão chinesa vem sendo discutido há algum tempo na literatura das Relações Internacionais. A possibilidade de essa ascensão ser pacífica ou não, vem provocando discussões entre os teóricos da política internacional contemporânea.

A corrente realista relata que a ascensão chinesa trará instabilidades ao sistema internacional, a partir do momento em que se tornar uma ameaça à primazia do poder norte-americano. Por outro lado, a corrente liberal descreve que a interação da China na economia internacional trará oportunidades e de cooperação, aumentando as chances de uma ascensão pacífica. Já os teóricos chineses defendem que a ascensão da China representa um ponto positivo para a ordem internacional e que ela acontecerá de maneira pacífica, ao contrário do postulado pela corrente realista ocidental. Porém há alguns pontos negativos que precisam ser revistos pela China nas questões com seu vizinho Japão, com o qual sustenta uma relação não muito amigável, o que parece ser uma contradição nos discursos chineses.

O sucesso alcançado pela China pode ser atribuído ao fato que os chineses souberam aproveitar as oportunidades advindas de sua abertura econômica e foram capazes de promover reformas estruturais internas de grandes proporções para a sociedade.

Apesar de a China ter demonstrado nos últimos anos que está tendo um crescimento contínuo, mesmo com a desaceleração dos últimos meses por conta de fatores que levam as economias emergentes a frearem suas economias, a China possui diversos problemas internos que podem levar ao comprometimento de sua autossuficiência econômica, como problemas energéticos, ambientais, desrespeito aos direitos humanos, além de sua grandiosa população, que precisa ser inserida no mercado de trabalho, como também o envelhecimento da mesma.

Os Estados Unidos e a China apresentam características para ser uma superpotência hegemônica, porém, no contexto atual, nenhum Estado irá liderar de forma isolada, pois estamos diante de um sistema que provavelmente não deixará um único país apenas na liderança, pois há formações de blocos econômicos

regionais que proporcionam o surgimento de grandes alianças econômicas, que se tornaram imprescindíveis para as relações internacionais.

A conclusão apresentada defende que Deng Xiaoping soube reestruturar a economia chinesa, sendo fundamental à sua ascensão como potência mundial. A continuidade do desenvolvimento econômico da China deu-se através dos líderes seguintes - Jiang Zemin, Hu Jintao e atual presidente Xi Jinping, que impulsionaram a economia chinesa, essencial no processo de potência global. Segundo Samuel Huntington (1999) os Estados no sistema internacional, formam blocos econômicos regionais que proporcionam alianças bilaterais/ multilaterais, dificultando um país de liderar de forma isolada. Portanto, a ascensão chinesa não põe em risco a supremacia norte-americana, como também os EUA não podem impedir a ascensão da China. Atualmente, os países necessitam de aliados, com interesses em comum em prol do crescimento mútuo dos membros integrados.

Portanto, o ressurgimento da China de forma isolada, não põe em risco a supremacia norte-americana, como também os EUA não podem impedir a ascensão chinesa. O fato é que, atualmente, nenhuma potência pode atuar de forma isolada, pois necessita, mais do que nunca, de países aliados que defendam seus interesses e cooperem para o seu crescimento.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, G. G. **A “ascensão pacífica” na Evolução da diplomacia chinesa das últimas décadas.** Marília: Aurora, 2012.
- ARENDR, Hannah. **As Origens do Totalitarismo Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo.** Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARRIGHI, Giovanni & SILVER, Beverly J. **Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial.** Rio de Janeiro, UFRJ-Contraponto, 2001.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília Ed. Univ de Brasília, 11º ed., 1998.
- BOLAÑOS, Alejandro. Desaceleração dos emergentes esfria o crescimento mundial. **EI País,** 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/06/economia/1444108814\\_932817.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/06/economia/1444108814_932817.html)> Acesso em 20 de nov. 2015.
- BUZAN, Barry. **China in International Society: is “Peaceful Rise” Possible?** The Chinese Journal of International Politics. Vol. 3. 2010.
- COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Chinesa.** São Paulo: Editora Moderna, 1985.
- CUNHA A.M. et al (Org). **China e Brasil Depois da Crise Financeira Global: Comércio, Finanças e estratégias de desenvolvimento.** Porto Alegre: Bndes, 2012.
- CUNHA, A.M. **A Economia Política do “Milagre Chinês”.** Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807091508220-.pdf>> Acesso em 04 de nov. 2015.
- CHINA. **China’s Peaceful Development Road.** Beijing: State Council, 2005. Disponível em: <[http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222\\_230059.html](http://english.peopledaily.com.cn/200512/22/eng20051222_230059.html)> Acesso em 04 de nov. 2015.
- DUPAS, Gilberto. China: Dimensões Estratégicas. Conferência sobre a China, 17 e 18 de abril de 2008. Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro. FUNAG.
- FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história.** Tradução de Marisa Motta. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- FERGUSON, N.; IKENBERRY, G. J. **El ascenso de China y el futuro de Occidente.** Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63385874/Ikenberry-John-El-Ascenso-de-China-y-El-Futuro-de-Occidente>>. Acesso em 06 de nov. 2015.

FEWSMITH, Joseph. **China since Tiananmen: from Deng Xiaoping to Hu Jintao**. 2. ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2008.

FIORI, J. L. **Formação, expansão e limites do poder global**. In: FIORI, J. L. (org.). O poder americano. Petrópolis: Vozes, 2005.

GARZA, Hedda. **Os Grandes Líderes: Mao Tsé-Tung**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1988.

GIFFONI, L. **China: o despertar do dragão - viagem ao milagre econômico chinês**. Belo Horizonte: Leitura, 2007.

GLASER. B.S.; MEDEIROS, E.S. **The Changing Ecology of Foreign Policy-Making in China: the ascension and demise of the theory of "Peaceful Rise"**. The China Quarterly, Cambridge, v.190, p. 291-310, Jun 2007.

Hu A.G. **China in the World: Assessment and Prospect of the "Post-Crisis" Era**. Oxford: University of Oxford TMD Working Paper Series. Working Paper 40, 2010.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. Tradução: Klauss Brandini Gerhardi

IKENBERRY, John. **The Rise of China and the Future of the West – Can the Liberal System Survive?** Foreign Affairs, January/February. 2008.

IKENBERRY, G. J. **The Future of the Liberal Order: internationalism after America**. Foreign Affairs, New York, v.90, n.3 p. 56-68, Jun.2011.

KAGAN, Robert. **What China Knows That We Don't**. The Weekly Standard, 1997.

KANG, David. **China Rising: Peace, power and order in East Asia**. New York: Columbia University Press, 2007.

KHANNA, P. **O Segundo Mundo: Impérios e Influências na nova Ordem Global**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Editora Objetiva, 2011.

KISSINGER, Henri et al. **O século XXI pertence à China?** Um debate sobre a grande potência asiática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MARCELINO, Fernando. **A China diante dos desafios internacionais pós-hegemônicos no século XXI: alternativas de poder num período de caos sistêmico**. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011, São Paulo. Proceedings online. Associação Brasileira de Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais - USP. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v2/a12.pdf> > Acesso em 08 nov. 2015.

MEARSHEIMER, J.J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: Norton, 2001.

MEARSHEIMER, John J. **China's Unpeaceful Rise**. *Current History*, vol. 105, nº. 690 apr. 2006, pp. 160-162.

MEARSHEIMER, John J. **Structural Realism**. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve (Org.) *International Relations Theories: discipline and diversity*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MOHAN. C.R. **China's "Peaceful Rise": The Ryme of the Ancient Mariner**. *Economic and Political Weekly*. Vol 39, n 33. 2004. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/4415413?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/4415413?seq=1#page_scan_tab_contents)> Acesso em 05 de nov. 2015.

Nye, J. (2004). **Soft Power - The means to success in World Politics**. New York: Public Affairs.

NYE, J. S. N. **The future of American Power: dominance and decline in perspective**. *Foreign Affairs*, New York, v.89, n.6, p. 2-12, Nov.2010.

NYE JR., Joseph S. 2011. **The Future of Power**. New York: Public Affairs.

NYE, J. S. N. **The twenty-First Century Will Be a "Post-American" World**. *International Studies Quaterly*, New York, v.56 p.215-217, 2012.

OVERHOLT, William H. **China after Deng, Foreign Affairs**, v.75, n.3, maio/junho 1996.

PACIEVITCH, Thais. **Geografia da China**. Info Escola. 2006c Disponível em: <<http://www.infoescola.com/geografia/geografia-da-china/>>. Acesso em: 14 de Dez. 2015.

SUETTINGER, R.L. **The Rise and Descent of "Peaceful Rise"**. *China Leadership Monitor*, n 12, 2005.

SPENCE, Jonhatan. **Em busca da China Moderna. Quatro Séculos de história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SPENCE, Michael. **Os Desafios Futuros da Economia: o crescimento econômico mundial nos países emergentes e desenvolvidos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RAMPINI, Federico. **O século chinês**. 2. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006. Tradução Alice Rocha

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A construção do socialismo na China**. 2º edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TENG, Fred S. **The Mathematics of Military Balance**. Disponível em:

<<http://www.chinausfocus.com/peace-security/the-mathematics-of-military-balance/>>. Acesso em 06 de nov. 2015.

THORTON, J.L. **China's Peaceful Rise: Speeches of Zheng Bijian 1997-2004**. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/fp/events/20050616bijianlunch.pdf>> Acesso em 28 de ago. 2015.

XIAOPING, Deng. **Construir un socialismo con peculiaridades chinas**. Pequim: Ediciones en lenguas extranjeras, 1985.

XIAOPING, Deng. **Les questions fondamentales de la Chine aujourd'hui**. Pequim: Editions en langues etrangeres. 1987.

Waltz K. **Theory of International Politics**. Reading: Addison-Wesley 1979.

WANG, Jisi. **"Peaceful Rise": a discourse in China**. Pekin University. 2006. Disponível em: <[http://www.lse.ac.uk/newsAndMedia/news/archives/2006/Wang\\_Jisi.aspx](http://www.lse.ac.uk/newsAndMedia/news/archives/2006/Wang_Jisi.aspx)> Acesso em 05 de nov. 2015.

WANG, J. **The Simultaneous Slide in Chinese-American and Chinese-Japanese Relations Is Not Beneficial**, setembro 2014. CFisnet, 2015. Disponível em: <<http://comment.cfisnet.com/2014/0901/1299836.html>>. Acesso em 8 do nov. 2015

ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

YUANG PENG. **A Harmonious World and China's New Diplomacy**. In: Contemporary International Relations, May/June. 2007.

ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Sobre a prática e a contradição**. Tradução de José Maurício Gradel. Editora Zahar, 2008.

ZHENG B. J. **China's Peaceful Rise: Speeches of Zheng Bijian 1997-2004**. The Brookings Institution. (speeches). Disponível em: <<http://www.brookings.edu/events/2005/0616china.aspx>> Acesso em 03 de nov. 2015.